



Universidade de Brasília – UnB

Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade – FACE

Programa de Pós-Graduação em Administração – PPGA

As inovações sociais e o decrescimento: Uma análise integrativa

Cecília Estela Ferreira da Silva Cesar

2019

Cecília Estela Ferreira da Silva Cesar

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Administração da Universidade de Brasília -
UnB, como requisito parcial à obtenção do título
de Doutor.

Orientadora: Profa. Dra. Solange Alfinito

Brasília – D.F.

2019

As inovações sociais e o decrescimento: uma análise integrativa

Tese defendida publicamente no dia 10 de junho de 2019, perante banca examinadora
composta por:

Profª. Dra. Solange Alfinito (Presidente)

Programa de Pós-Graduação em Administração

Universidade de Brasília – UnB

Prof. Dr. Elimar Pinheiro Nascimento (membro externo)

Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Prof. Dr. Karim Marini Thomé (membro externo)

Programa de Pós-Graduação em Administração – Agronegócio – UnB

Universidade de Brasília – UnB

Profª. Dra. Patrícia Guarnieri dos Santos (membro interno)

Programa de Pós-Graduação em Administração – PPGA

Universidade de Brasília – UnB

Profª. Dra. Eluíza Alberto de Moraes Watanabe (membro suplente)

Programa de Pós-Graduação em Administração

Universidade de Brasília – UnB

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que, mais uma vez, com todo o seu amor, dedicação e sabedoria suportou minha ausência, minhas queixas, me amparou nos momentos difíceis e que nunca me deixou desistir.

AGRADECIMENTOS

À minha família e amigos pelo apoio.

À professora Solange Alfinito, por ter me aceitado como sua orientanda, pela sua dedicação, paciência e profissionalismo durante este período de convivência.

Aos professores Elimar Pinheiro Nascimento, Karin Marini Thomé e Patrícia Guarnieri dos Santos por terem aceitado participar da minha banca, pelas inúmeras contribuições ao meu trabalho e pela paciência.

A todos os professores do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade de Brasília por terem participado da minha formação.

Aos amigos do curso de Mestrado e Doutorado, Ana Teresa, Bárbara, Cristiana, Eduardo, Érika, Fernanda, Halley, Isabela, José Carlos, Júnia, Letícia, Paulo, Ricardo, Roger, Sueli e Wladmir pela oportunidade de convivência e aprendizado.

Aos colegas de trabalho da Universidade de Brasília, em especial do Decanato de Pós-Graduação, representadas aqui pela Profa. Adalene, Luíza, Fernanda, Martha e Laine, que me apoiaram em todos os momentos.

Ao Grupo Conscient, aqui representado pela Mayra, que muito contribuiu para o tema dessa tese.

À Cristiana, que me incentivou a fazer o Doutorado e que com certeza terá uma jornada maravilhosa a trilhar.

À Ana Teresa, por todo o apoio, carinho e incentivo.

Gabriela, minha prima, é seu também.

Obrigada Senhor.

RESUMO

Com o crescimento dos mercados houve o crescimento econômico e o aumento do consumo. Esse aumento provoca a crescente extração de recursos naturais e finitos para a produção de bens. Como forma de alerta para essa situação, debates foram iniciados acerca da necessidade de repensar o crescimento e surge o tema decrescimento, que é uma crítica ao crescimento como um objetivo social. Propõe-se um conjunto de mudanças institucionais e estruturais além de que a descentralização, o aprofundamento das instituições democráticas e a repolitização da economia sejam seus principais objetivos. Nesse contexto, a inovação pode atuar para a formulação de novas alternativas na busca por um desenvolvimento alinhado com as necessidades que se apresentam. Desse modo, o presente estudo teve como objetivo avaliar se iniciativas de inovação social podem contribuir para a promoção de práticas do decrescimento. O estudo se caracteriza como pesquisa aplicada, qualitativa, descritiva e exploratória. Como procedimento técnico realizou-se estudo de casos múltiplos, por realizar três estudos: (1) análise dos documentos dos Projetos Transit e Westart, (2) entrevista com praticante e facilitador da permacultura no estado da Bahia, e (3) entrevista com facilitadores do empreendedorismo social na Bahia. Como procedimento de análise foram aplicadas análise de documento (estudo 1) e análise de conteúdo (estudos 2 e 3), além disso foi realizada triangulação dos dados para a sua validação interna. Os resultados mostram que nos três estudos as iniciativas de inovação social, em pequena escala, aplicam algumas ações do círculo virtuoso do decrescimento. Nos estudos 2 e 3 identificou-se que o termo decrescimento é desconhecido, mesmo entre pessoas com elevado grau de instrução. E também que os promotores de inovação social procuram imbuir os empreendedores sociais de conhecimento, capacitando-os a fim de que possam desenvolver seus projetos e, assim, atender a comunidade e contribuir aos poucos para a redução da desigualdade social. Uma das limitações do estudo foi o número reduzido de participantes das entrevistas, em decorrência do período disponível para a realização e a disponibilidade dos participantes. Como sugestão de estudos futuros, recomenda-se a criação de narrativas básicas sobre o decrescimento, para que seja disseminado e não fique restrito à pequenos grupos.

Palavras-chaves: Inovação social, desenvolvimento sustentável, permacultura, inovação social e decrescimento.

ABSTRACT

With the growth of the markets there was economic growth and increased consumption. This increase causes the increasing extraction of natural and finite resources for the production of goods. As a warning for this situation, debates began on the need to rethink growth and the theme of degrowth appears as a critique of growth as a social objective. A set of institutional and structural changes is proposed, moreover that decentralization, deepening of democratic institutions and the re-politicization of the economy became its main objectives. In this context, innovation can act to formulate new alternatives in the search for a development aligned with the needs that present themselves. Thus, the present study had as objective to evaluate if initiatives of social innovation can contribute to the promotion of practices of the degrowth. The study is characterized as applied, qualitative, descriptive and exploratory research. As a technical procedure, a multi-case study was carried out, since three studies were executed: (1) analysis of Transit and Westart Project documents, (2) interview with practitioner and permaculture facilitator in the state of Bahia, and (3) interview with facilitators of social entrepreneurship in Bahia. As analysis procedure, document analysis (study 1) and content analysis (studies 2 and 3) were applied, in addition, triangulation of the data was performed for its internal validation. The results show that in all three studies the initiatives of social innovation, on a small scale, apply some actions of the virtuous circle of degrowth. In studies 2 and 3 it was identified that the term degrowth is unknown, even among people with a high degree of education. Also, social innovation promoters seek to imbue social entrepreneurs with knowledge, enabling them to develop their projects and thus serve the community and gradually contribute to the reduction of social inequality. One of the limitations of the study was the reduced number of participants in the interviews, due to the period available and the participants' availability. As a suggestion of future studies, it is recommended to create basic narratives about degrowth, so that it is disseminated and not restricted to small groups.

Keywords: Social innovation, sustainable development, permaculture, social innovation and degrowth.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A Flor da Permacultura.....	31
Figura 2 – Roda de Capoeira Angola na Casa AMAREla	62
Figura 3 – Minhocário da Casa AMAREla	63
Figura 4 - Quintal das crianças na Casa AMAREla.....	63
Figura 5 - Placa apresentando os parceiros na construção do Colabore.....	69
Figura 6- Centro de Inovação Colabore.....	70
Figura 7 - Mapa do Colabore explicando as partes da estrutura tem os ODS	71
Figura 8- Placa explicativa sobre o sistema de tratamento e reutilização de esgoto do Colabore.....	72
Figura 9 - Placas explicativas sobre a utilização de Cobertura Vegetal, do sistema de Ar condicionado no Colabore e do Filtro de água	73

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Inovação Social – Conceitos	23
Tabela 2 - Tons de mudança e inovação - conceitos	27
Tabela 3 – Relação entre objetivos específicos, procedimentos técnicos e análise	45
Tabela 4 - Projetos selecionados do TRANSIT categorizados por lócus	48
Tabela 5 - Iniciativas Sustentáveis do TRANSIT	51
Tabela 6 - Análise das Inovações Sociais da DESIS	51
Tabela 7 - Análise das Inovações Sociais da Global Ecovillages	52
Tabela 8 - Análise das Inovações Sociais da La Via Campesina	52
Tabela 9 - Projetos selecionados do WEstart categorizados por Lócus	54
Tabela 10 - Iniciativas Sustentáveis do WEstart	57
Tabela 11 - Análise das Inovações Sociais da Bonergie	58
Tabela 12 - Análise das Inovações Sociais da Velogista	58
Tabela 13 - Análise das Inovações Sociais da Celluxcsoport	58
Tabela 14 - Análise das Inovações Sociais da Orti Alti	59
Tabela 15 - Análise das Inovações Sociais da Nathalie's Direct Trade	59
Tabela 16 - Categorias Iniciais do estudo 2	66
Tabela 17 - Categorias Intermediárias do estudo 2	67
Tabela 18 - Categorias Finais do estudo 2	67
Tabela 19 - Categorias Iniciais do estudo 3	79
Tabela 20 - Categorias Intermediárias do estudo 3	80
Tabela 21 - Categorias Finais do estudo 3	81
Tabela 22 - Resultados encontrados nas iniciativas dos Projetos Transit e Westart	83
Tabela 23 - Porcentagem dos R's do Decrescimento	88
Tabela 24 - Objetivos e indicativo de principais resultados do estudo	90

SUMÁRIO

RESUMO	VII
ABSTRACT	VIII
LISTA DE FIGURAS	IX
LISTA DE TABELAS	X
1. Introdução	11
2. Objetivos	13
2.1 Objetivo Geral	13
2.2 Objetivos Específicos.....	13
2.3. Justificativa.....	13
2.4 Estrutura da Tese	14
3. Referencial Teórico	15
3.1 Desenvolvimento Sustentável e Sustentabilidade	15
3.2 Inovação	19
3.2.1 <i>Inovação Social</i>	20
3.2.2.1. <i>Permacultura</i>	28
3.2.2.2 <i>Empreendedorismo e Empreendedorismo Social</i>	31
3.3 Decrescimento	33
4. Método	39
4.1. Tipo de Pesquisa	39
4.2. Participantes	39
4.2.1. Participantes do Estudo 1	40
4.2.2. Participantes do Estudo 2	40
4.2.3. Participantes do Estudo 3	41
4.3 Instrumentos e Procedimentos de Coleta de Dados.....	43
4.3.1. Estudo 1.....	43
4.3.2. Estudo 2 e 3	43
4.4 Procedimentos para Análise de Dados.....	46
4.4.1. Procedimentos para análise de dados do Estudo 1	46
4.4.2. Procedimentos para análise de dados dos Estudos 2 e 3.....	46
5. Resultados	48
5.1 Resultado do Estudo 1.....	48
5.2 Resultado e Análise do Estudo 2	60
5.2 Resultado e Análise do Estudo 3	67

6. Discussão	82
7. Considerações Finais	91
Referências.....	94
Apêndice A	102
Apêndice B.....	104
Apêndice C.....	105

1. Introdução

O desenvolvimento de novas técnicas de produção de bens motivou o crescimento do capital, bem como proporcionou investimentos em maquinaria, utilização de novas matérias primas e uma nova forma de divisão social do trabalho. A estrutura da produção foi transformada pelas mudanças introduzidas nos padrões de trabalho, no que se refere à especialização e aos avanços proporcionados pela tecnologia.

O acúmulo de capital relaciona-se com o desenvolvimento econômico, a constituição dos estados, o progresso técnico e o surgimento de mercados. O mercado é a instituição que, através da competição, coordena a divisão do trabalho e a alocação dos recursos produtivos. Os mercados modernos são constituídos, organizados e regulados pelo Estado a nível nacional e internacional (Bresser-Pereira, 2006). Com o crescimento dos mercados houve o crescimento econômico e o aumento do consumo. A infraestrutura para essa nova situação não acompanhou esse desenvolvimento e problemas de ordem econômica e social foram observados na sociedade. Esse aumento do consumo provoca a crescente extração de recursos naturais e finitos para a produção de bens.

Esses fatores contribuíram para alterações climáticas, degradações ambientais, disputas por petróleo, pandemias e o desaparecimento de espécies vegetais e animais. O crescimento econômico tornou-se um desafio na tentativa de conciliar seu avanço com as limitações do ambiente e os problemas sociais. Como forma de alerta para essa situação, debates foram iniciados acerca da necessidade de repensar o crescimento.

Como consequência desse debate, surge o tema decrescimento, que é uma crítica ao crescimento como um objetivo social, ou seja, a crítica a um sistema socioeconômico baseado em uma lógica de crescimento indefinido. Propõe-se um conjunto de mudanças institucionais e estruturais, capaz de garantir bem-estar social com o uso de menos materiais e energia. Propõe-se também que a descentralização, o aprofundamento das instituições democráticas e a repolitização da economia sejam seus principais objetivos, ao lado da redução do consumo e da produção (Kallis, Damaria, & D'Alisa, 2015).

Nesse contexto, a inovação pode atuar para a formulação de novas alternativas na busca por um desenvolvimento alinhado com as necessidades que se apresentam. O termo “inovação” teve sua origem na obra “Teoria do Desenvolvimento Econômico”, escrita por Joseph A. Schumpeter no ano de 1912. A inovação foi considerada como um importante

motivador da dinâmica econômica. À época, Schumpeter entendeu como principais formas de inovação estas cinco: introdução de novos produtos; introdução de novos métodos de produção; abertura de novos mercados; desenvolvimento de novas fontes de suprimento para matérias primas e outros insumos; e criação de novas estruturas de mercado na indústria.

O conceito de inovação vem sendo constantemente aprimorado e expandido, haja vista ter incorporado novas motivações, hábitos e atores focados em processos de mudança. A definição mais utilizada para o termo inovação é a do Manual de Oslo (2005), que a apresenta como a introdução de um bem ou serviço novos ou cujas características ou usos previstos tenham sido significativamente melhorados. A inovação motiva a implementação de métodos ou processos de produção, distribuição, marketing ou organizacionais, novos ou significativamente melhorados.

Para perseguir uma de suas finalidades – a de solucionar problemas sociais –, as políticas públicas atuam por meio de ações governamentais, formuladas e desenhadas para atender às demandas da sociedade, resultando, em sua maioria, em programas, ações ou estratégias, que, embora visem resultados positivos, muitas vezes não conseguem cumprir o seu papel. Surge, assim, a inovação social na busca de soluções consistentes para auxiliar no futuro da sociedade.

A inovação social apresenta-se como uma alternativa viável ao atendimento das necessidades sociais, por meio da participação e da cooperação dos atores envolvidos, haja vista gerar soluções novas e duradouras para grupos sociais, comunidades ou para a sociedade em geral (Bignetti, 2011). Para Howaldt e Schwarz (2010), a inovação social é um tipo distinto de inovação, que procura uma combinação de fatores para atingir objetivos relacionados ao benefício público.

Uma possível forma de inovação social é a permacultura, que consiste em um sistema formado por conhecimentos de diversas áreas científicas, para a criação de ambientes humanos sustentáveis e produtivos. A permacultura incorpora *design* e tecnologia, aplicável em situações rurais ou urbanas, com infraestrutura para apoiar as necessidades básicas sem agredir o meio ambiente.

Como a permacultura, o empreendedorismo social surge a partir da busca por respostas sociais e econômicas em face aos problemas e busca a promoção do bem-estar, por meio da geração de renda em pequenos negócios, que também possam trazer benefícios à comunidade. Define-se como uma ação capaz de gerar impacto social significativo e que

produz uma transformação social. Os empreendedores sociais são vistos como pessoas inovadoras, criadoras de novos paradigmas e pioneiros de novas abordagens (Dees, 1998).

Considerando esse contexto, em que se inserem as inovações sociais, a pergunta que motiva essa proposta de pesquisa é: a inovação social pode promover o decrescimento?

2. Objetivos

2.1 Objetivo Geral

O objetivo geral da pesquisa é avaliar se iniciativas de inovação social podem contribuir para a promoção de práticas do decrescimento.

2.2 Objetivos Específicos

Como objetivos específicos, pretende-se:

- Analisar iniciativas de inovação social dos Projetos Transit e WEstart;
- Conhecer a perspectiva de promotores e praticantes da permacultura;
- Identificar iniciativas de inovação social relacionadas ao empreendedorismo social;
- Conhecer a perspectiva dos promotores do empreendedorismo social;
- Verificar se há R's do ciclo virtuoso do decrescimento nas iniciativas analisadas.

2.3. Justificativa

A realização dessa pesquisa se justifica pela contribuição para o estado da arte do tema, visto que discute a inovação social, em face ao aumento dos problemas de ordem econômica e social observados na sociedade. Alguns estudos abordam a inovação social como tema central, na promoção de soluções consistentes para diminuição da desigualdade e possível preservação do ambiente que nos cerca. Contudo, apesar da relevância das inovações, que conduziu a um aumento do quantitativo de publicações sobre o tema nos últimos anos, esta produção, devido a sua abrangência, encontra-se fragmentada em diversas áreas organizacionais, permanecendo ainda com lacunas conceituais e teóricas que reclamam serem investigadas (Howells, 2010).

Os temas inovação social e decrescimento são interdisciplinares, sendo discutidos

em várias áreas de interesse. Foram identificados artigos nas áreas de Economia, Administração, Direito, Educação, Ciências Agrárias, Arquitetura, Engenharia entre outras. São temas estudados por instituições de ensino e de pesquisa no mundo. O tema decrescimento vem sendo discutido, com maior ênfase, nas áreas econômica e ambiental com críticos e defensores, ambos assumindo sua importância no cenário mundial, mas ainda é desconhecido pela maioria das pessoas. Já a pesquisa sobre a inovação social ganhou impulso na última década, fomentada pelo crescente interesse nas questões relacionadas aos problemas sociais, ao empreendedorismo e à gestão pública.

A inovação social e o decrescimento são temas relevantes e serão discutidos com maior ênfase nos próximos anos, em função das mudanças climáticas. O monitoramento do aquecimento global é realizado pelo IPCC (*Intergovernmental Panel on Climate Change*) – Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, organização científico-política criada no âmbito das Nações Unidas. O IPCC representa a maior autoridade mundial a respeito do aquecimento global e é considerado a base para o estabelecimento de políticas climáticas mundiais.

Diante do exposto, esta pesquisa pretende contribuir com um olhar sobre a inovação social como uma ferramenta de promoção de melhores condições de qualidade de vida para a sociedade.

2.4 Estrutura da Tese

A presente tese está estruturada em 6 capítulos, contendo o primeiro a introdução. O capítulo 2 apresenta os objetivos gerais, os específicos, a justificativa e a estrutura da tese. O capítulo 3 apresenta o referencial teórico. O capítulo 4 apresenta o método adotado. O capítulo 5, os resultados e a análise referentes a cada estudo. O capítulo 6, a discussão e o capítulo 7, as considerações finais. Por fim, serão apresentados as referências e os apêndices.

3. Referencial Teórico

Na pesquisa bibliográfica, para a composição do referencial teórico deste estudo, foi priorizada a consulta à produção acadêmica até o ano de 2019. Foram consultadas as bases CAPES, PROQUEST, SCIELO, SAGE e outras, bem como os periódicos nas áreas de Administração, Economia, Ciências Agrárias, Arquitetura, Engenharia, Educação, Agroecologia e Antropologia. No portal CAPES foram consultados os periódicos *EMERALD*, *Annual Reviews*, *Springer Link*, *Wilson*, *Cambridge Journals Online*, *Science Direct Elsevier*, *Wiley Online Library*, *Academic Search Premier – EBSCO*, entre outras fontes.

Foram utilizados como palavras-chave para a pesquisa os termos: inovação, inovação social, decrescimento, desenvolvimento sustentável, permacultura, sustentabilidade, empreendedorismo, empreendedorismo social em diversos idiomas. Foram analisados artigos científicos, provenientes de periódicos nacionais e internacionais, livros, teses de doutorado e dissertações de mestrado, além de estudos produzidos pelo Governo Federal e da legislação pertinente.

O Referencial Teórico aborda os seguintes temas: desenvolvimento sustentável, sustentabilidade, inovação, inovação social, permacultura, empreendedorismo, empreendedorismo social e decrescimento, considerando seus conceitos, definições e importância.

3.1. Desenvolvimento Sustentável e Sustentabilidade

A crítica à produtividade econômica e ao desenvolvimento exacerbado que, na maioria das vezes, ignora as dimensões sociais e ambientais, considerando-as de menor relevância, foi a base para a evolução do conceito de ecodesenvolvimento, que, sumariamente, pode ser definido como “[...] desenvolvimento de um país ou região, baseado em suas próprias potencialidades, sem criar dependência externa (Montibeller-Filho, 2008), ancorando-se em uma gestão ambiental prudente e criteriosa, intrínseca a um novo princípio de responsabilidade ética” (Montibeller-Filho, 2008). O conceito de desenvolvimento sustentável derivou-se do ecodesenvolvimento, oriundo da preocupação com a preservação do ambiente natural e seus elementos e a melhoria das condições socioeconômicas da

população.

Acredita-se que a expressão “desenvolvimento sustentável” (Madeira, 2014) é derivada da expressão anglo-saxônica *sustainable development*, em francês, *développement durable*, equivalendo em português a “desenvolvimento durável”, que se aproxima do termo sustentável (Godard, 1994; Montibeller-Filho, 2008).

Denomina-se desenvolvimento sustentável aquele que procura satisfazer as necessidades da geração atual sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades (Kates, Parris, & Leiserowitz, 2005). Ele possibilita atingir um nível satisfatório de desenvolvimento social e econômico e de realização humana e cultural, fazendo um uso razoável dos recursos da terra e, simultaneamente, preservando as espécies e os habitats naturais, sem esgotar os recursos para o futuro.

A busca pelo equilíbrio entre o que é socialmente desejável, economicamente viável e ecologicamente sustentável é chamada de *triple bottom line*, que contempla as dimensões ambiental, social e econômica do desenvolvimento sustentável. A dimensão ambiental do desenvolvimento sustentável requer o equilíbrio entre a proteção do ambiente físico e seus recursos e o uso destes recursos de forma a permitir que o planeta suporte uma qualidade de vida aceitável. Já a dimensão social impescinde do desenvolvimento de sociedades justas que proporcionem oportunidades de desenvolvimento humano e um nível adequado de qualidade de vida. A dimensão econômica, por sua vez, clama por um sistema econômico que facilite o acesso aos recursos e às oportunidades e ao aumento da prosperidade para todos, dentro dos limites do que é ecologicamente possível e sem ferir os direitos humanos básicos (CIB/UNEP-IETC, 2002).

A ascensão do desenvolvimento sustentável (DS) como projeto político e social da humanidade tem promovido esforços no sentido de encontrar caminhos para sociedades sustentáveis (Salas-Zapata et al., 2011). O interesse pela sustentabilidade (DS) mostra-se nas abordagens referentes às estratégias, à produção mais limpa, ao controle da poluição, à ecoeficiência, à gestão ambiental, à responsabilidade social, à ecologia industrial, aos investimentos éticos, à economia verde, ao ecodesign, ao reuso, ao consumo sustentável, aos resíduos zero (Glavic & Lukman, 2007), entre outros termos e relacionam-se com diversos campos de aplicação (engenharia, economia, administração, ecologia, etc).

O surgimento de problemas de sustentabilidade, isto é, a ausência da capacidade de

manter de forma mais perene os recursos em setores como energia, água e alimentos, fomentou o interesse na busca por meios pelos quais a sociedade poderia combinar o desenvolvimento econômico e social com a redução da utilização de recursos naturais. Esse interesse possibilitou a criação de uma abordagem conhecida como desenvolvimento sustentável, que procura contribuir estudando mudanças ao nível dos sistemas, chamadas de "transições de sustentabilidade" (Grin et al., 2010).

O conceito de desenvolvimento sustentável procura harmonizar os objetivos de desenvolvimento econômico, desenvolvimento social e conservação ambiental. Esse conceito foi reconhecido internacionalmente em 1972, na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo, Suécia.

Em 1983, foi estabelecida a Comissão Mundial das Nações Unidas sobre o Meio-Ambiente e Desenvolvimento. Essa comissão teve a tarefa de investigar as preocupações levantadas acerca do impacto das atividades humanas sobre o planeta e como os padrões de crescimento e de desenvolvimento poderiam se tornar insustentáveis caso os limites dos recursos naturais não fossem respeitados. O resultado dessa investigação foi o Relatório "Nosso Futuro Comum", publicado em abril de 1987.

O documento ficou conhecido como Relatório *Brundtland*, nome da ex-primeira ministra norueguesa responsável pela comissão da ONU que realizou o trabalho. O Relatório *Brundtland* formalizou o conceito de desenvolvimento sustentável e o tornou de conhecimento público.

O conceito de desenvolvimento sustentável transformou-se no fundamento da Conferência das Nações Unidas sobre o meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO-92), realizada no Rio de Janeiro. O encontro reconheceu o desenvolvimento sustentável como o grande desafio dos nossos dias e, também, apresentou a primeira tentativa internacional de elaborar planos de ação e estratégias neste sentido.

Em setembro de 2015, líderes dos 193 países membros da Organização das Nações Unidas (ONU) aprovaram um plano global de desenvolvimento sustentável, com o objetivo de melhorar os indicadores econômicos, sociais e ambientais para as próximas gerações. Esse processo iniciou-se com o estabelecimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) na Rio + 20, realizada em junho de 2012 no Brasil. São ao todo 17 ODS, que abordam pontos como erradicação da pobreza, fome, promoção de uma vida saudável, igualdade sem distinção de gênero, entre outros e podem ser elencados da seguinte maneira:

Objetivo 1: acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares;

Objetivo 2: acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável;

Objetivo 3: assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades;

Objetivo 4: assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos;

Objetivo 5: alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e as meninas;

Objetivo 6: assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos;

Objetivo 7: assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todos;

Objetivo 8: promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos;

Objetivo 9: construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação;

Objetivo 10: reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles;

Objetivo 11: tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis;

Objetivo 12: assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis;

Objetivo 13: tomar medidas urgentes para combater a mudança climática e seus impactos;

Objetivo 14: conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável;

Objetivo 15: proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade;

Objetivo 16: promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis; e

Objetivo 17: fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para

o desenvolvimento sustentável.

De acordo com Dovers e Handmer (1992), sustentabilidade é a capacidade de um sistema humano, natural ou misto, resistir ou se adaptar às mudanças externas e internas por tempo indeterminado e o desenvolvimento sustentável, uma via de mudança intencional e melhoria, que mantém ou aumenta esse atributo do sistema ao responder às necessidades da população.

Sendo assim, o desenvolvimento sustentável é o caminho para se alcançar a sustentabilidade, isto é, a sustentabilidade é o objetivo final, a longo prazo.

Apesar das práticas sustentáveis estarem difundidas na sociedade, muitos pesquisadores se opõem à viabilidade do desenvolvimento sustentável. Latouche (2009) faz uma crítica ao desenvolvimento sustentável, uma vez que o considera uma mistificação, por acreditar que o desenvolvimento não respeitará o tempo de recuperação do meio ambiente e que não existe compatibilidade entre continuar o desenvolvimento e salvaguardar o meio ambiente. O desenvolvimento sustentável, em moda, tem como função manter os lucros e evitar a mudança de hábitos, praticamente sem alterar o rumo. Mostram-se propostas de compromisso antigas, adotadas pelas empresas para angariar vantagens.

Para que a sustentabilidade ocorra, se faz necessária a inovação social, que poderá promover transformações que tragam sociedades mais inclusivas e, assim, atender de uma melhor forma as novas questões sociais que se apresentam.

3.2. Inovação

A inovação exerce um papel de vital importância na economia, sendo um fator determinante da competitividade e do desenvolvimento das organizações. É considerada o instrumento que pode impulsionar o desenvolvimento socioeconômico, o crescimento, a competitividade e proporcionar uma rentabilidade diferenciada às empresas, para que possam sobreviver no mundo globalizado. Sendo assim, a necessidade de inovar vem em conjunto com a crescente competitividade gerada pela globalização da economia (Moreira & Queiroz, 2007; Tidd, Bessant, & Pavitt, 2008; Trott, 2012). Ela permite o crescimento organizacional quando novos negócios ou ações organizacionais são criadas para criar vantagem competitiva. Economicamente, estudiosos como Schumpeter (1985) entendem a inovação como responsável por parte do crescimento econômico (Tidd et al., 2008).

De acordo com a Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico – OCDE (2005), que edita o Manual de Oslo, considerada a maior fonte internacional de diretrizes para coleta e uso de dados sobre atividades inovadoras na indústria, a inovação é tanto a criação quanto a divulgação de produtos, de processos e de métodos, sendo um aspecto chave para fornecer a base para novas indústrias, empresas e empregos.

A OCDE (2005) conceitua a inovação, em âmbito organizacional, como a introdução de estruturas organizacionais significativamente modificadas, a adoção de técnicas avançadas de gestão e a implementação de estratégias corporativas novas ou modificadas. Acrescenta, ainda, que é a efetivação de um produto/serviço, processo, método de marketing ou método organizacional novo ou significativamente melhorado na organização do local de trabalho ou nas relações externas. Contudo, considerando-se a importância de um modelo de inovação que busque vantagem competitiva nas organizações, observa-se um crescente interesse na elaboração e na difusão de políticas capazes de satisfazer as questões inerentes ao âmbito social. No Brasil, o incentivo à inovação está pautado na Lei 10.973 de 2004. Nesse contexto, destaca-se a inovação social.

3.2.1. Inovação Social

O conceito de inovação social surge com o objetivo de representar processos institucionais inovadores, promovidos por agentes dominantes, no intuito de aumentar a competitividade de empresas. Na década de 1970, o conceito de inovação social surgiu como uma nova forma de realizar algo, visando à solução das necessidades sociais. Taylor (1970) trouxe o conceito seminal de inovação social como a procura de respostas às necessidades sociais por meio da introdução de uma invenção social, ou seja, uma nova maneira de fazer as coisas, uma nova organização social. Posteriormente, o conceito ampliou-se para o campo das políticas sociais. As primeiras concepções da inovação social incidiram sobre a qualificação do trabalho e a segurança social, enquanto que a inovação tecnológica tem seu foco sobre o objeto (André & Abreu, 2006).

Neumeier (2012) define a inovação social como uma importante rede de interesses que alinha as pessoas e suas experiências e que promove a mudança de atitudes, comportamento ou percepções, que geram novas e melhores ações colaborativas. Nesse prisma, a inovação social é puramente organizacional, pois ela acontece a partir da adoção

de novas posturas por pessoas/organizações motivadas por um interesse comum.

Em uma visão contrária, Westley e Antadze (2010) afirmam que, além da forma organizacional, a inovação social também pode ocorrer por meio da introdução de novos produtos, processos ou programas orientados para promover uma mudança sistêmica e que, apesar de esse ser o objetivo principal, não necessariamente o interesse comercial deixa de ser contemplado. Para esses autores, a inovação social envolve um sistema de mudança social e institucional que provoca alterações nas rotinas básicas, nos fluxos de recursos e na autoridade ou no sistema social no qual a inovação ocorre e, por isso, exige uma complexa interação entre o propósito (melhoria do bem-estar social), a atividade (novos produtos, processos, modelos de negócio) e a oportunidade (variável que, muitas vezes, viabiliza a mudança). Se for bem sucedida, a inovação social terá impacto e resultados duradouros.

A definição de Westley e Antadze (2010) traz dois pontos importantes que merecem destaque. O primeiro é esclarecer que, apesar da inovação social na maior parte ocorrer por meio organizacional, outros formatos não devem ser excluídos, como, por exemplo, o desenvolvimento a partir de uma inovação tecnológica. Outra questão relevante é o fato de que a inovação social, mesmo sendo orientada por objetivos sociais, não elimina necessariamente o interesse comercial.

Outro ponto importante a ser observado, na análise da inovação social, é a questão do ineditismo. Dawson e Daniel (2010) afirmam que a inovação social consiste em novos conhecimentos ou tecnologias empregados em novas maneiras de melhorar as circunstâncias sociais, mas também pode envolver recombinação e nova aplicação de domínios de conhecimento existentes em novas maneiras de atender a objetivos sociais, encontrando-se, dessa forma, o seu caráter inovador (Dawson; Daniel, 2010; Howaldt; Schwarz, 2010; Kinder, 2010; Lubelcová, 2012). Ou seja, o ineditismo da inovação social não está só no desenvolvimento de novas tecnologias, mas também no emprego de conhecimentos já existentes e soluções amplamente exploradas pelo mercado, em novos contextos e, muitas vezes, de forma conjunta, gerando uma mudança institucional que visa melhorar o bem-estar social.

Devido a essa característica, as inovações sociais podem demandar um período maior para se tornarem uma prática aceita, uma vez que exigem evolução social ou desenvolvimento de novas formas de trabalho (Kinder, 2010). Portanto, uma inovação é social, à medida que é socialmente aceita e amplamente difundida por toda a sociedade, em

que ela gerou mudança, transformou a realidade e, posteriormente, foi institucionalizada como nova prática social ou rotina (Howaldt & Schwarz, 2010).

Pol e Ville (2009), após extensa revisão da literatura, identificaram que as definições encontradas para IS tinham em comum a ideia de melhoria do bem-estar humano e, por isso, propuseram uma definição para inovação social que tem essa característica como foco. Segundo esses autores, uma inovação é chamada de social, se a realização da nova ideia tenha o potencial de melhorar a qualidade ou a quantidade de vida. Para eles, melhorar a qualidade ou quantidade de vida significa aumentar o conjunto de opções que um grupo de pessoas tem como oportunidade de selecionar, uma vez que qualidade de vida é relativo e cada pessoa tem seu conjunto de valores para estabelecê-la.

Vale ressaltar que a inovação tradicional também pode gerar melhoria da qualidade de vida, como, por exemplo, os medicamentos desenvolvidos pela indústria farmacêutica, contudo, segundo os autores supracitados, a distribuição do impacto social gerado pode ser bem desproporcional. Dessa forma, uma inovação será considerada social, quando a melhoria da qualidade ou quantidade de vida ocorrer em nível macro, atingindo todos os interessados.

Esse campo de pesquisa enfatiza como a mudança envolve mais do que somente tecnologia, mas também mudanças técnicas, que em um contexto institucional e social são difíceis de alterar. Sob certas condições e ao longo do tempo, essas mudanças tornam-se um processo, que pode ser chamado de inovação do sistema ou de transição (Avelino et al., 2015). Assim, a inovação social surge como uma mudança nas relações sociais, envolvendo novas formas de conhecer, organizar e fazer (Haxeltine et al., 2013; Moulaert et al., 2013; Howaldt & Kopp, 2013), que contribuem para uma mudança social, que abrange o desenvolvimento de novos sistemas econômicos (Haxeltine et al., 2013; Avelino et al., 2014).

De acordo com Caulier-Grice et al. (2012), esse conceito surge como uma resposta aos desafios originados pelos problemas sociais e ambientais. Segundo Rollin e Vincent (2007), não existe uma teoria da inovação social, mas várias definições que promovem o seu entendimento. A inovação social surge de movimentos e iniciativas para reduzir as lacunas sociais. Para Mulgan (2006), inovação social refere-se à atividades e serviços inovadores, que são motivados pelo objetivo de atender a uma necessidade social e que se desenvolvem através de organizações cujos principais objetivos são sociais.

Segundo Caulier-Grice et al. (2012) o termo inovação social descreve processos de mudança social e transformação da sociedade e pode ser utilizado em vários contextos: a) transformação da sociedade; b) modelo de gestão organizacional; c) empreendedorismo social; d) desenvolvimento de novos produtos, serviços e programas; e, e) modelo de governo, capacitação e desenvolvimento de capacidades dinâmicas.

Os pesquisadores acreditam que as mudanças devem ser realizadas observando-se os contextos institucionais e sociais. O processo no qual a inovação social contribui para a mudança societária transformadora, isto é, para novos sistemas econômicos, é chamado de inovação social transformadora (Haxeltine et al., 2013; Avelino et al., 2014).

No campo do estudo sobre inovação social, alguns grupos de estudos no Brasil, Estados Unidos e Canadá foram criados para pesquisar sobre o tema. No Brasil, há o Instituto de Tecnologia Social (ITS), criado para construir um novo modelo de desenvolvimento para viabilizar a relação entre ciência, tecnologia, inovação e inclusão social. Ao longo dos anos esse instituto estabeleceu um conceito de tecnologia social e assistiva que impulsiona projetos em sua prática pela articulação com governos e sociedade civil. Nos Estados Unidos, há grupos de pesquisa nas Universidades de Brown, Harvard e Stanford; e, no Canadá, um dos principais grupos de estudo é o *Centre de Recherche Sur Les Innovations Sociales* (CRISES). Esse grupo de estudo engloba cerca de oito universidades e vários pesquisadores associados. Há também o *Centre for Social Innovation* (CSI), uma organização independente que realiza ações de caráter social.

Já no Reino Unido existe o INSEAD, da *University of Cambridge*. Nesses grupos foram desenvolvidos estudos acerca da inovação, emergindo conceitos e definições sobre o tema. De acordo com Bignetti (2011), a inovação social possui um conjunto diverso de conceitos, abordagens, metodologias e práticas.

A Tabela 1 apresenta uma compilação com diferentes conceitos e abordagens sobre o tema inovação social.

Tabela 1
Inovação Social – Conceitos

Autores	Inovação Social - Conceitos
Taylor (1970)	A procura de respostas às necessidades sociais através da introdução de uma invenção social, uma nova maneira de fazer as coisas, uma nova organização social.

Autores	Inovação Social - Conceitos
Bessan e Tidd (2009)	É vista como um processo localizado e iniciado por diferentes atores que procuram mudar as interações, entre si e com o seu meio de organização institucional, bem como promover diferentes interações, de forma a contrariar os efeitos das crises durante a tentativa de conciliar os diferentes níveis de interesse particular, o interesse coletivo e o interesse geral ou bem comum.
Bignetti (2011)	É o resultado do conhecimento aplicado a necessidades sociais através da participação e da cooperação de todos os atores envolvidos, gerando soluções novas e duradouras para grupos sociais, comunidades ou para a sociedade em geral.
Cloutier (2003)	Inovação social é como uma nova resposta a uma situação social desfavorável que procura o bem-estar dos indivíduos e / ou comunidades através de ações e mudanças sustentáveis. É uma ação que cria novas relações sociais, estruturas ou modos de decisão, originados de uma consciência individual e depois coletiva, sendo contextual e dependente da trajetória, promovendo mudanças que levam a uma melhor integração dos grupos excluídos.
CRISES (2015)	É uma intervenção iniciada por atores sociais para atender a uma aspiração, a uma necessidade, uma solução ou desfrutar de uma ação de oportunidade para mudar as relações sociais, para transformar um quadro ou propor novas orientações culturais.
CSI (2004)	Refere-se a novas ideias que resolvem os desafios sociais, culturais, econômicos e ambientais existentes para o benefício das pessoas e do planeta. Uma verdadeira inovação social é o sistema de mudança, que altera permanentemente as percepções, comportamentos e estruturas que deram origem a estes desafios.
Caulier-Grice (2012)	Uma resposta aos desafios originados pelos problemas sociais e ambientais. Descreve processos de mudança social e transformação da sociedade. Pode ser utilizada em vários contextos: a) transformação da sociedade; b) modelo de gestão organizacional; c) empreendedorismo social; d) desenvolvimento de novos produtos, serviços e programas; e e) modelo de governo, capacitação e desenvolvimento de capacidades dinâmicas
Haxeltine et al. (2013; 2015)	Uma mudança nas relações sociais, envolvendo novas formas de fazer, organizar, conhecer e enquadrar, contribuindo para uma a mudança social, que abrange o desenvolvimento de novos sistemas econômicos.
Tardif e Harrisson (2005)	Constitui-se a partir do bem-estar atingido com as respostas desenvolvidas pelos atores em crises, pois as soluções encontradas, caracterizadas como algo novo implicam na implementação de novos arranjos institucionais entre os atores, inclusive com novas regras sociais.
Neumeier (2012)	a inovação social é uma importante rede de interesses que alinha as pessoas e suas experiências e que promove a mudança de atitudes, comportamento ou percepções, que geram novas e melhores ações colaborativas
Westley e Antadze (2010)	além da forma organizacional, a inovação social também pode ocorrer por meio da introdução de novos produtos, processos ou programas orientados para promover uma mudança sistêmica

Autores	Inovação Social - Conceitos
Dawson e Daniel (2010)	a inovação social consiste em novos conhecimentos ou tecnologias empregados em novas maneiras de melhorar as circunstâncias sociais, mas também pode envolver recombinação e nova aplicação de domínios de conhecimento existentes em novas maneiras de atender a objetivos sociais, encontrando-se aí o seu caráter inovador
Pol e Ville (2009)	a inovação é chamada de social, se a realização da nova ideia tenha o potencial de melhorar a qualidade ou a quantidade de vida. Para eles, melhorar a qualidade ou quantidade de vida significa aumentar o conjunto de opções que um grupo de pessoas tem como oportunidade de selecionar, uma vez que qualidade de vida é relativo e cada pessoa tem seu conjunto de valores para estabelecê-la

Como apresentado na Tabela 1, as inovações sociais podem ser desenvolvidas pelos mais diversos atores, conhecidos como atores sociais, dentre eles as organizações, as instituições e os intermediários. Referentemente ao processo de coordenação, os atores interagem e coordenam o desenvolvimento de uma inovação social, os meios envolvidos e as restrições à sua implementação. O processo de avaliação do impacto do projeto, constitui-se uma ferramenta essencial e intrinsecamente conectada à inovação. A avaliação tem como finalidade descobrir o que pode limitar o processo de inovação. Dessa forma, é possível observar o contexto e as condições para o surgimento da inovação social e os processos que estão vinculados à mesma, tais como os atores, os modos de coordenação, os meios e as restrições existentes, obtendo, por fim, um retrato de experimentação e avaliação (Tardif & Harrison, 2005).

O modelo de Inovação Social de Mulgan (2006) está presente em vários estudos sobre o tema. Esse modelo foi aperfeiçoado por Murray (2010) e é composto por seis estágios assim descritos: a) avisos, inspirações e diagnósticos: nesta etapa há o diagnóstico do problema e a formulação da pergunta de forma a obter a resposta correta; b) propostas e ideias: é a fase de geração de ideias, utilizando-se de métodos formais, criativos e experiências, para ampliar a quantidade de opções; c) protótipos e pilotos: neste estágio, as ideias são refinadas e testadas, à procura da solução dos conflitos; d) a manutenção: é quando a ideia aprimorada se torna uma prática cotidiana; e) escala e difusão: nesta fase, estratégias são utilizadas para a difusão da inovação; f) mudança sistêmica: este é o objetivo final de inovação social e envolve a interação de elementos como: infraestrutura, leis e regulamentos, movimentos sociais, modelos de negócios e novas formas de pensar e agir, na busca desta

mudança. Esses estágios interagem entre si, proporcionando um *feedback* com o fim de repensar, se necessário, e propor mudanças. (Murray et al, 2010).

A seguir serão apresentados três modelos de análise de inovação social.

O primeiro modelo foi elaborado pelos pesquisadores Tardif e Harrisson (2005) com base em 49 estudos realizados pelo CRISES, um dos maiores centros de pesquisa sobre a inovação social. Esse modelo de análise da inovação social baseia-se em cinco dimensões: 1) Transformações; 2) Caráter inovador; 3) Inovação; 4) Atores; e 5) Processo de avaliação.

Quanto às transformações, os autores esclarecem que há a necessidade que os atores, conforme o contexto macro ou micro, criem ações e pensem em novas soluções de acordo com as mudanças na situação social e econômica. Já o caráter inovador, deve considerar as partes envolvidas, para que possa construir um projeto inovador, que atenda aquela demanda. Salientam também que, atualmente, as relações sociais estão sendo reestruturadas, apresentando novas práticas, que sinalizam temas importantes, como polarização, exclusão e marginalização social e econômica (Tardif & Harrisson, 2005).

A inovação social em si é vista como um processo pontual, realizado por diversos atores, que tentam superar os efeitos das crises com o intuito de alcançar o interesse coletivo. Quanto aos atores envolvidos, a presença de diferentes *backgrounds* auxilia na construção de novas normas e comportamentos para que o projeto inovador possa ser bem-sucedido em sua construção e possa gerar diferentes modelos a partir de sua implementação e disseminação.

Por fim, a dimensão processo de avaliação aborda como os atores interagiram e se organizaram para o desenvolvimento do projeto de inovação. Assim, busca compreender o impacto do projeto, sua complexidade e suas limitações, utilizando-se de experimentação e avaliação (Tardif & Harrisson, 2005).

O segundo modelo foi desenvolvido pelos pesquisadores Haxeltine et al. (2013), que propuseram a Teoria da Inovação Social Transformadora (TSI), integrante de um grande projeto (TRANSIT), financiado pela União Europeia, cujo objetivo foi o de promover transformações que trouxessem sociedades mais inclusivas e sustentáveis e atendessem, de uma melhor forma, as novas questões sociais que se apresentassem. Essa teoria apresentou a Perspectiva Multinível (MLP), que contribuiu para dar sustentação ao quadro teórico apresentado.

Essa teoria explica a dinâmica das transições sociais distinguindo-as em três níveis: 1) a paisagem (macrotendências exógenas); 2) regimes (instituições dominantes e práticas); e 3) nichos (locais de práticas inovadoras). A transição ocorre quando as alterações em todos os três níveis se reforçam mutuamente e geram uma transformação sistêmica global.

As inovações sociais, de acordo com Haxeltine et al. (2013), são classificadas em três categorias: a) inovações sociais ou de base – atendem as demandas sociais de grupos em vulnerabilidade social que não são atendidos pelo mercado –; b) iniciativas amplas – atendem as demandas da sociedade como um todo e cuidam de forma a atentar para aspectos sociais e econômicos –; e c) iniciativas sistêmicas – provocam mudanças na sociedade, nas atitudes e nos valores, criando estratégias e políticas, modificando estruturas e processos organizacionais, inclusive do setor público.

Essa teoria entende que por meio de uma mudança sistêmica se possa identificar os “*game-changers*” e restituir a dinâmica entre eles, com a apresentação de inovações sociais, mudanças sistêmicas em sistemas sociais e políticos específicos e em vários níveis, como energia, transporte, finanças, agricultura de alimentos e outros (Haxeltine et al., 2013). Com o avanço dessa transformação, a TSI propõe cinco conceitos importantes para auxiliar na distinção entre as diversas mudanças e inovações: 1) a inovação social; 2) a inovação do sistema; 3) “*game-changers*”; 4) narrativas de mudança e; 5) a transformação da sociedade.

A Tabela 2 apresenta um quadro com as definições desses cinco conceitos:

Tabela 2
Tons de mudança e inovação – conceitos

Tons de mudança e inovação	Conceitos
Inovação social	Novas práticas sociais, incluindo novas (combinações de) ideias, modelos, regras, relações sociais e/ou produtos.
Inovação do Sistema	Mudar ao nível dos subsistemas sociais, incluindo as instituições, estruturas sociais e infraestruturas físicas.
<i>Game-changers</i>	Macro evoluções que são percebidas como mudanças (as regras, o campo e os jogadores) do 'jogo' de interação social.
Narrativas de Mudança	Discursos sobre a mudança e inovação, ou seja, conjuntos de ideias, conceitos, metáforas e/ou linhas de história sobre mudança e inovação.

Tons de mudança e inovação	Conceitos
Transformação da Sociedade	Mudança fundamental e persistente em toda a sociedade, superando subsistemas e incluindo mudanças simultâneas em múltiplas dimensões.

Nota. Avelino et al. (2014, p. 9).

O terceiro modelo de análise de inovação social foi proposto por Cloutier (2003), pesquisador vinculado ao CRISES, que destaca a necessidade de identificar estes critérios para que se possa reconhecer uma inovação social: a) deve ser inovadora e experimental em um dado contexto; b) disposição para tomada de risco por parte dos atores do projeto; c) causar impacto sobre as políticas sociais em nível local ou nacional; d) ter qualidade na parceria entre os atores; e) e) haver participação dos beneficiários no projeto. Conforme a sua concepção, a inovação social é definida como uma ação que cria novas relações sociais, estruturas ou modos de decisão, originadas de uma consciência individual e posteriormente coletiva, dentro de um contexto e de acordo com uma trajetória, promovendo mudanças que levam a uma melhor integração dos grupos excluídos.

No contexto da inovação social, a legitimidade da permacultura constrói seu alicerce na crescente preocupação da sociedade de consumo com os impactos ambientais, o respeito aos valores de cidadania, bem como com a qualidade de vida e a manutenção da saúde humana. Essa consciência de ter deveres ou direitos políticos passa a ser percebida, como capaz de influenciar os rumos da política e da economia. A comunidade ganha percepção, faz escolhas e adota práticas de consumo sustentáveis, como forma de participar da sociedade, com o intuito de tornar real suas ações, em prol de melhorias sociais e ambientais (Portilho, 2005; Stolle et al., 2005). Essas ações políticas podem ser interpretadas como movimentos no sentido de fortalecer a participação da sociedade contemporânea na esfera política, promovendo uma ética de responsabilidade que pode difundir valores e comportamentos, bem como a discussão e negociação de ações e demandas relacionadas às políticas ambientais.

3.2.2.1. Permacultura

O conceito de permacultura foi desenvolvido por Bill Mollison e David Holmgren

nos anos 1970 e surgiu como uma resposta à crise ambiental vivenciada pela sociedade. A publicação de “*Permaculture One*” em 1978, foi o ponto de partida para a evolução do conceito e para a emergência do movimento mundial da permacultura (Holmgren, 2013). David Holmgren (2013), um dos criadores do conceito, afirma que existem dois caminhos para a sociedade conscientizar-se e atuar sobre os problemas que enfrenta. O primeiro seria atuar no decrescimento do sistema global, por meio da educação ecológica crítica e promover a adoção da visão ecológica nos sistemas administrativos e financeiros. Esse processo denomina-se “transição para cidades sustentáveis” e engloba estratégias cujas ações partem de cima para baixo, ou seja, partindo de uma esfera macro para a micro (sistema *top down*). O segundo, seria atuar na transição para o nível de sustentação renovável do planeta por meio do desenho, discussão e implantação de novos modelos de produção e consumo de tipo comunitário, autossuficientes, sustentáveis e descentralizados. Trata-se de um processo de inovação e geração de sistemas produtivos rurais sustentáveis, sendo uma estratégia articulada de baixo para cima, partindo da esfera micro para a macro (sistema *bottom up*).

A permacultura costuma ser vista como uma das correntes da agroecologia, mas apresenta uma metodologia própria, com métodos replicáveis e com processos que abrangem várias áreas do conhecimento. Por ser uma metodologia de desenho (*design*) e gestão ambiental, cuida da relação humana com os ecossistemas. Assim, abarca conhecimentos da bioquímica, engenharia, arquitetura e das ciências agrárias e biológicas. Promove a utilização de habitações ecológicas, saneamento responsável, energia renovável e segurança alimentar, com alimentos produzidos de forma orgânica e tratamento natural da água para reutilização.

Segundo Mollison (1999), a permacultura é o planejamento e a execução de ocupações humanas sustentáveis, unindo práticas antigas aos conhecimentos atuais das mais variadas áreas, com o intuito de obter energia, moradia e alimentação humana de forma harmoniosa com o ambiente.

O início da permacultura no Brasil deu-se em 1992, no Rio Grande do Sul, com o primeiro curso no Brasil, ministrado por Bill Mollison. Nele foram formados vários permacultores que foram estimulados a difundir a cultura no Brasil. Com o tempo, a permacultura desenvolveu-se e foram criados vários institutos, comunidades e redes, que desenvolvem e orientam a implantação da permacultura no país. Como exemplo, temos o

Ecocentro IPEC em Pirenópolis – Goiás, o IPB em Salvador – Bahia, o IPOEMA em Brasília – DF, o IPC em Fortaleza – Ceará, o Ecovida São Miguel em Minas Gerais, as Comunidades Arca Verde – Rio Grande do Sul, Asa Branca – Distrito Federal, Bambu a Pique e as Redes GEPEC – DF e Rede Permanece – Ceará, entre outros (IPEC).

A flor da permacultura, apresentada na Figura 1, é um método de se planejar espaços totalmente sustentáveis, que visam à criação de uma cultura que seja sustentável e permanente. As áreas-chaves para a criação dessa cultura são mostradas através da “Flor do Sistema de Design” (Figura 1). Ela apresenta 7 campos (7 pétalas) em que atua. Em cada uma das pétalas são especificadas algumas ações de grande importância. A elaboração da flor é baseada em uma série de princípios éticos. A permacultura está centrada nos três princípios éticos: cuidar da terra, cuidar das pessoas e partilha justa. Juntos formam a base do *design* da permacultura.



Figura 1 - A Flor da Permacultura

Fonte: Ipoema – Instituto de Permacultura em

<http://www.ipoema.org.br/ipoema/home/conceitos/permacultura/temas-da-permacultura/>

Como pode ser visto na Figura 1, o caminho da Permacultura inicia-se a partir da ética e dos princípios de design e percorre os domínios fundamentais necessários para a criação de uma cultura de sustentabilidade. O caminho em espiral reúne todos estes campos,

iniciando por um nível pessoal e local e evoluindo para um nível coletivo e global. Assim, se a permacultura como inovação social for sustentável poderá colaborar na promoção do decrescimento.

Outra possibilidade de se verificar a presença da inovação social é através do empreendedorismo, principalmente o empreendedorismo social. A seguir, os termos serão conceituados e apresentadas as suas características.

3.2.2.2. Empreendedorismo e Empreendedorismo Social

Hisrich e Peter (2004) definem o empreendedorismo como o “processo de criar algo diferente e com valor, dedicando-se tempo e esforço necessários, assumindo os riscos financeiros e sociais. As principais teorias que abordam o empreendedorismo são: a teoria econômica e a teoria comportamentalista. A teoria econômica, também conhecida como *schumpeteriana*, demonstra que os primeiros a perceberem a importância do empreendedorismo foram os economistas, que estavam interessados em compreender o papel do empreendedor e o impacto da sua atuação na economia. Três nomes destacam-se nessa teoria: Richard Cantillon, Jean Baptiste Say e Joseph Schumpeter. A essência do empreendedorismo está na percepção e no aproveitamento de novas oportunidades no âmbito dos negócios: como criar uma nova forma de uso dos recursos e em novas combinações. De acordo com Zarpellon (2010) os economistas associaram o empreendedor à inovação. O empreendedorismo é um fenômeno individual, ligado à criação de empresas que através do aproveitamento de uma oportunidade ou simplesmente por necessidade de sobrevivência, pode levar o indivíduo ou uma comunidade a desenvolverem capacidades de solucionar seus problemas (Zarpellon,2010).

Com o apoio do setor privado na busca por soluções para os problemas da sociedade, surge um novo conceito de modelo de negócios: o empreendedorismo social, que difere do empreendedorismo tradicional por ter como principal propósito a geração de resultados sociais e não lucros financeiros (Yunus, 2010).

O empreendedorismo social define-se como uma ação capaz de gerar impacto social significativo e que produz uma transformação social. Os empreendedores sociais são vistos como pessoas inovadoras, criadoras de novos paradigmas e pioneiros de novas abordagens (Dees, 1998).

Melo Neto e Fróes (2001) salientam que um dos principais papéis do empreendedorismo social é a valorização da cidadania. Afirmam que os empreendedores criam novas organizações, abrem seus próprios negócios, vão à busca de recursos, tecem novas redes de colaboração e apoio mútuo, investindo seu tempo e seus recursos na busca da transformação social pretendida (Melo Neto & Froes, 2001).

Assim, o Empreendedorismo Social surge como um caminho promissor de renovação da intervenção social, das oportunidades do mercado de trabalho, da criação de formas alternativas de produção econômica e da participação social e democrática (Quintão, 2004; Godói-de-Sousa, 2010).

Para Oliveira (2004) o empreendedorismo social é definido como uma ação com a capacidade de gerar emancipação social e de desenvolvimento humano. Apresenta como principal característica a socialização das ideias e das ações e gera uma nova forma de consciência e de postura no enfrentamento das questões sociais. Segundo Bornstein (2005), a importância dos homens de negócios para a economia é a mesma dos empreendedores sociais para a mudança social. O diferencial do empreendedorismo é sua finalidade voltada ao social.

O empreendedorismo social é compreendido por alguns autores como uma ramificação do empreendedorismo (Dees, 1998; Noruzi, Westover & Rahimi, 2010), sendo que o seu foco é diverso, está vinculado à criação do valor social. Enquanto o mercado procura profissionais que tenham um perfil empreendedor para maximizar o lucro, reduzir custo e aperfeiçoar produção, a sociedade necessita de profissionais para maximizar a abrangência das ações sociais, reduzir custo de atuação e otimizar a mudança social.

De acordo com Oliveira (2004), o conceito e a prática do empreendedorismo social derivam da intenção de mudar um cenário causado pelos impactos de uma globalização dos efeitos paradoxais, que ao mesmo tempo em que geram riqueza, ciência e tecnologia, também produzem famintos e excluídos, produzidos principalmente, pela desigualdade social e econômica, acentuada pela concentração de renda e problemas sociais históricos, principalmente, nos chamados países subdesenvolvidos e em desenvolvimento.

Noruzi, Westover e Rahimi (2010) acreditam que, além de responder às falhas do mercado, o empreendedorismo promove a sustentabilidade financeira e a inovação transformadora.

Melo Neto e Froes (2002) consideram que o empreendedor, vitimado pela exclusão

social resultante do sistema capitalista e do modelo neoliberal de condução das políticas econômicas, muito provavelmente demandante de apoio institucional por meio das políticas públicas do Estado é movido por ideias transformadoras e assume uma atitude de inconformismo e crítica diante das injustiças sociais existentes. Assim, possui o objetivo de desenvolver a sociedade, criar coletividades e implementar ações que garantam o autossustento e a melhoria contínua do bem-estar da comunidade.

Os empreendedores sociais caracterizam-se por: 1) pelo compromisso de criar trabalho e de beneficiar a comunidade ou um grupo específico de pessoas como valor maior do que o lucro e; 2) pelo poder de decisão, baseado numa estrutura democrática que Johannisova et al. (2013) consideram como capaz de mudar a estrutura econômica com um cenário mais favorável para o decrescimento. Assim, a seguir apresentaremos os conceitos do termo decrescimento.

3.3. Decrescimento

O termo decrescimento, do francês “*La Decroissance*”, foi empregado pela primeira vez em 1972 pelo intelectual francês André Gorz, em resposta ao relatório “Limites do Crescimento” (*The Limits to Growth*). Gorz questionou a compatibilidade do crescimento zero ou decrescimento com o capitalismo. Sua inspiração foi motivada por Georgescu-Roegen, precursor na discussão sobre a Economia Ecológica (Kallis et al., 2015). Em seu livro “A Lei da Entropia e o Processo Econômico” (em inglês *The Entropy Law and the Economic Process*, 1971), Georgescu aponta como inevitável a degradação dos recursos materiais em decorrência das atividades humanas e propõe o decrescimento econômico como alternativa.

Em consequência da manifestação de sua visão, Georgescu foi colocado à margem do meio científico. Atualmente sua contribuição é reconhecida, como afirma Cechin et al. (2010, p.130) que diz: “Nenhuma outra escola de pensamento considerou a economia como um sistema materialmente aberto. Por isso, sua visão constitui realmente um rompimento com o paradigma da Economia. Seu pensamento representa uma revolução científica, exatamente por ter saído desse paradigma, que delimita as fronteiras do processo econômico onde a circulação de mercadorias pode ser observada. A consideração da Lei da Entropia no raciocínio econômico, forçaria a revisões profundas no corpo teórico convencional, a

começar pela representação básica do funcionamento da economia. Consiste na admissão de que o processo de geração de ordem, que é o sentido da produção econômica, vem necessariamente acompanhada da geração de desordem. Este processo engloba desde impactos ambientais locais até o fenômeno das mudanças climáticas. O que significa que a humanidade não resolverá os grandes desafios que encontrará pela frente tratando-se apenas os sintomas e nem utilizando as mesmas receitas que valeram desde a Revolução Industrial”.

Após a publicação de uma coletânea com os artigos de Georgescu, reacendeu-se o debate sobre o decrescimento, que coincidiu com a crise do petróleo e a recessão econômica na Europa na década de 1970. As discussões sobre o decrescimento arrefeceram e surgiu o debate sobre o neoliberalismo. Os países capitalistas caem em uma longa e profunda recessão, combinando baixas taxas de crescimento com altas taxas de inflação, o que motivou a difusão do pensamento neoliberal com maior força. Com críticas ao poder dos sindicatos e ao movimento operário, em geral, que segundo seus apoiadores teriam corroído as bases da acumulação capitalista pelas suas pressões reivindicativas sobre os salários, por um lado, e pela sua pressão para que o Estado aumentasse os gastos sociais, por outro.

A proposta neoliberal para combater a crise era simples: a manutenção de um Estado forte o suficiente para romper o poder dos sindicatos e manter o controle monetário, mas reduzindo os gastos sociais e as intervenções na economia. Além disso, propunham o abandono da meta do pleno emprego para a criação de um contingente reserva de trabalhadores e a proposição de reformas fiscais para incentivar os agentes econômicos (Anderson, 1998).

No fim dos anos 1990 e início de 2000 o tema decrescimento ressurgiu em Lyon, na França, como movimento social e sob a forma de protesto que busca cidades livres de carros, refeições ao ar livre, cooperativas para a produção de alimentos e era contra a propaganda.

Além da França, o movimento decrescimento foi adotado por ativistas na Itália (*Decrescita*, termo em italiano) em 2004 e na Espanha (*Decrecimiento*, termo em espanhol) em 2006. O Decrescimento foi oficialmente incorporado como tema de pesquisa internacional na Conferência *Degrowth* realizada em Paris no ano de 2008. Seu conceito originou-se do entendimento de que as atitudes da sociedade em busca do crescimento são, na verdade, totalmente incompatíveis com o meio ambiente.

A ideia de decrescimento surgiu como uma reflexão sobre possíveis soluções para os problemas e os desafios causados pelo contínuo crescimento econômico, pelas diferenças de

rendimento, pelos problemas de bem-estar, pelos problemas ambientais globais (por exemplo, a camada de ozônio danificada, as alterações climáticas e o uso excessivo de outros recursos globais comuns como florestas tropicais e oceanos) (Latouche, 2011; Meadows et al., 1972; Stiglitz, 1997).

Como definição, o filósofo francês Serge Latouche (2010) desenvolveu o “conceito de decrescimento”, e diz que deve-se abandonar o objetivo do crescimento pelo crescimento e a falsa ilusão de que a felicidade está baseada na possibilidade de consumo. Segundo Latouche (2009), as premissas da teoria do decrescimento são de um processo de decrescimento material e de considerar o que seria de fato riqueza a partir de outros indicadores mais conectados com a preservação e a viabilidade ecológica e de justiça social. Esclarece também que apesar do nome “decrescimento” ter a conotação de perda, ele não é um retrocesso, e defende uma sociedade autônoma e econômica. Seria uma alternativa na busca de soluções mais sustentáveis para o mundo atual. Assim, Latouche propôs os oito erres (8 R's), como círculo virtuoso do decrescimento, que podem ser apresentados como segue:

1. *Reduzir* o consumo em geral, e com isso a produção. Afinal é possível viver melhor com menos, pois grande parte de nosso consumo é induzido e pouca relação tem com nossas mais profundas necessidades;

2. *Reciclar* os produtos existentes para dispensar a produção de novos, criando a cultura da conservação e do reaproveitamento ao invés do descarte;

3. *Reutilizar* o que já existe de forma inteligente economizando recursos naturais e energia;

4. *Reavaliar* os nossos consumos, os nossos hábitos, os nossos procedimentos que são, na maioria das vezes, degradadores da natureza.

5. *Reconceituar* a nossa vida, o nosso consumo, as nossas relações e o nossos vínculos sociais para uma direção mais saudável;

6. *Reestruturar*, ou seja, adaptar as estruturas econômicas e as instituições políticas e sociais aos novos objetivos de uma sociedade convivial;

7. *Redistribuir* melhor os bens existentes, incluindo a participação nos processos decisórios, portanto, uma redistribuição econômica, mas também política, cultura e social;

8. *Relocalizar* a produção, o trabalho, a moradia para que o “não transporte” possa ser disseminado para que os transportes de mercadorias sejam reduzidos e, assim como, o de pessoas (Nascimento et al.2009).

Segundo Latouche (2009) dos oito erres (8 R's), três apresentam um papel estratégico na condução ao decrescimento (a reavaliação, a redução e a realocização), sendo, como um “projeto de construção de uma sociedade de abundância frugal”. Já Bayon et al. (2010) dizem que o decrescimento é um termo da linguagem corrente que reúne aqueles que desejam uma redução no tamanho físico do sistema econômico com menos capacidade de oferta de recursos naturais, menos emissões de poluentes por razões ecológicas, sociais e democráticas, o que conduziria a uma desestabilização do PIB. O tema vem sendo discutido sob diferentes abordagens como a econômica, a ecológica, a social, a política, a ética e a tecnológica, assim como seus aspectos positivos e negativos. Em artigo recente Weiss (2017) realizou uma análise bibliométrica dos artigos sobre decrescimento e apresenta quatro principais categorias que mostram como o tema decrescimento é visto no meio científico: 1. Recebe apoio unânime; 2. Visto com neutralidade, mas com uma postura positiva no sentido de abertura para a investigação de possíveis cenários de decrescimento; 3. Utiliza-se do decrescimento como uma ferramenta para uma análise empírica; e 4. Visto com ceticismo e rejeição.

De acordo com Dombi (2014), o termo decrescimento pode ser definido a partir de três aspectos diferentes: (i) slogan, (ii) movimento social e (iii) teoria científica e que não podem ser separados visto que há uma interação entres eles. Liegey et al. (2013) corroboram esse pensamento, pois entendem que as etapas de implementação do decrescimento na sociedade podem acontecer em quatro níveis que interação: individual, comunitário, nacional e supranacional, não sendo possível estabelecer uma fronteira entre elas.

Para seus defensores a essência do decrescimento não apoia a paralização do desenvolvimento econômico, pois as economias são orientadas para o crescimento e baseadas nas instituições do capitalismo e sem o crescimento econômico não sobreviveriam.

De acordo com Kallis (2011), o decrescimento é uma redução socialmente sustentável e equitativa do metabolismo e da quantidade de matéria e de energia que uma sociedade extrai, processa, transporta e distribui para o consumo e que retorna para o ambiente na forma de resíduos. É uma alternativa política que pretende, através de um processo democrático, promover mudanças radicais na orientação das instituições políticas

e econômicas, e dos valores e das aspirações pessoais (Kallis 2011).

Para Schneider et al. (2010), o decrescimento significa uma crítica à economia em crescimento. Apresenta-se como um processo de redução coletivo e deliberado da produção, do consumo, do papel dos mercados, que reduzirá o metabolismo da sociedade e o consumo de energia e das matérias-primas.

Assim, o objetivo do decrescimento é auxiliar democraticamente e pacificamente a transição para uma sociedade mais equitativa e um ambiente habitável sem estender o tamanho da economia (Latouche, 2011; Martinez-Alier et al., 2010).

O cerne do decrescimento implica em uma reestruturação completa do sistema visando no aumento do bem-estar possa ser alcançado. Dessa forma, promove a redução do impacto ambiental, observando-se, contudo, as peculiaridades de cada ambiente como localização e condições de vida dos habitantes (Gould et al., 2004; Kallis et al., 2012; Latouche, 2011; Tokic, 2012).

Os estudiosos do decrescimento acreditam que as iniciativas devem partir de baixo para cima, isto é, iniciando-se na comunidade e ampliando-se. Segundo Kallis et al. (2012), se faz necessário modelos inovadores de vida em comunidade que possam assumir outros valores, divergentes da cultura do capital e afim de propiciar uma mudança.

Para Andreoni e Galmarini (2014), o decrescimento pode consolidar a reciprocidade na economia, na qual a produção e a troca de bens e serviços possam promover a cooperação, o bem-estar, a convivência e as relações sociais.

Segundo Schumacher (1973), a produção agrícola em pequena escala, novos modelos de produção e de consumo, redução de agrotóxicos e outros fatores, contribuem em um esforço conjunto para a melhoria do sistema (Guthman, 2004). O bem-estar proporcionado pode auxiliar na transição para o decrescimento (Andreoni e Galmarini, 2014; Liegey et al., 2013).

O decrescimento sustentável pode ser definido como uma diminuição da produção e do consumo. O adjetivo sustentável não significa que o decrescimento deve ser sustentado indefinidamente (o que seria absurdo), mas sim, que o processo de transição deve ser sustentável no sentido de ser ambiental e socialmente benéfico.

A proposta do decrescimento é a de que o progresso humano sem o crescimento econômico é possível. A transformação sustentável do decrescimento deve ser distinguida do decrescimento insustentável, ou seja, da recessão, da depressão com deterioração das

condições sociais (por exemplo: emprego, pobreza). O decrescimento sustentável envolveria uma diminuição do PIB, medido atualmente, devido a uma redução nas atividades produtivas e de consumo em recursos, que constituem uma grande parcela do PIB (Schneider et al., 2010).

Entretanto, os críticos esclarecem que o decrescimento é logicamente incompleto, ambíguo e confuso, devido à multiplicidade de suas definições e dos seus desafios à sua operacionalização (Tokic, 2012; van den Bergh, 2011).

Esclarecem, também, que o decrescimento cultiva uma possibilidade de ação que é limitada, pois acentua a comunidade e a localidade, as resistências locais e regionais, os movimentos sociais. Aparenta ser uma tentativa de extrair um mundo possível em meio a inúmeros mundos. Mas o problema é que, de fato, essas lutas não conseguem fazer frente a força do capital por serem parciais.

Ao conseguir autonomia realizando atividades, como por exemplo, produzindo e consertando seus produtos, seus praticantes conseguem colocar em prática, de forma parcial, sua opção de vida. Essa posição entre crítica e ação, frente a impossibilidade de viver integralmente de maneira alternativa (pois, é impossível viver apenas de produtos orgânicos e não consumir nada de supermercados), torna a questão moral perdendo o seu efeito como crítica social (Harvey, 2012; Bádue 2012).

Assim sendo, sem desconsiderar as críticas ao decrescimento, podemos discutir o seu papel, como forma de atuação em prol de um ambiente global sustentável.

4. Método

4.1. Tipo de Pesquisa

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa do ponto de vista da abordagem conforme indicado por Gaskell (2003) ao explorar as diferentes opiniões e representações do assunto em pauta, que se desenvolve uma interação, troca de ideias e percepções com a finalidade de estudar e compreende diversas realidades. É uma pesquisa aplicada em relação a sua natureza, pois visa produzir conhecimentos que possam solucionar problemas reais.

Em relação aos objetivos a pesquisa caracteriza-se como descritiva e exploratória (Silva & Menezes, 2005; Yin, 2001). Como apresentado por Gil (1999), a pesquisa busca apresentar projetos e iniciativas de inovações sociais explorando a presença dos 8 R's, além de apresentar as características sociodemográficas identificadas nos estudos 2 e 3.

E como procedimento técnico optou-se por realizar um estudo de caso, pois de acordo com Yin (2001) é uma estratégia para responder “como” e “por que” de eventos, contemporâneos, que o pesquisador não tem o controle. Pretende-se realizar um exame minucioso do ambiente, do sujeito ou de uma determinada situação (Godoy, 1995). Como é o caso das inovações sociais e a aplicação do decrescimento nos projetos analisados.

Para compreender as inovações sociais realizou-se três estudos: (1) investigar a inovação social como possível promotora do decrescimento, (2) compreender a percepção dos permacultores acerca dos temas permacultura, inovação social e decrescimento, e (3) compreender a percepção promotores do empreendedorismo social sobre os temas inovação social, empreendedorismo social e decrescimento. Desse modo, o estudo de caso é caracterizado como estudo de casos múltiplos, pois analisou-se mais de uma instituição (Godoy, 1995).

Os procedimentos técnicos e de análises, e os participantes dos estudos serão apresentados nos tópicos seguintes.

4.2. Participantes

Considerando o objetivo de avaliar se iniciativas de inovação social podem contribuir para a promoção de práticas do ciclo virtuoso do decrescimento, decidiu-se por investigar

iniciativas de inovação pela perspectiva de pesquisadores, promotores/facilitadores e praticantes da inovação social. Utilizou-se múltiplos métodos de coleta de dados e em momentos distintos, convergindo a um dos procedimentos técnicos utilizados (Godoy, 1995).

Essa pesquisa foi desenhada em três estudos. O Estudo 1, com dados secundários, teve como base a avaliação de banco de dados de dois Projetos que pesquisaram iniciativas de inovação social na forma de empreendedorismo social. Já o Estudo 2, buscou conhecer os promotores e praticantes da permacultura. E por fim, o Estudo 3, constituiu-se de entrevistas com promotores do empreendedorismo social.

4.2.1. Participantes do Estudo 1

Para o estudo 1 analisou-se banco de dados de dois Projetos: TRANSIT e WEstart. O projeto TRANSIT foi desenvolvido no período de 2014 a 2017 em vários países e continentes. Recebeu recursos da União Europeia, para que pudesse alcançar os objetivos propostos: conhecer e difundir as iniciativas de inovação social, no caso empreendedorismo social. O projeto foi escolhido por apresentar movimentos emergentes de inovação social transformadora em comunidades e em indivíduos que estão em um processo de mudanças nas relações sociais.

Enquanto isso, o projeto Westart, tem como objetivo obter uma melhor compreensão da situação e do estado do empreendedorismo social desenvolvido por mulheres, em 11 países da União Europeia, e auxiliar na promoção do empreendedorismo social das mulheres, incentivando a criação de políticas que apóiam a liderança das mulheres nesse setor. A escolha desse projeto foi motivado por sua abrangência, Westart analisou iniciativas de empreendedorismo social em 11 países da União Europeia. Esses projetos foram escolhidos por realizarem seus estudos em vários países e, assim, proporcionarem um panorama abrangente das inovações sociais.

4.2.2. Participantes do Estudo 2

No estudo analisou-se dois permacultores do estado da Bahia visto que após a busca por praticantes de permacultura na região de Goiás, São Paulo, Ceará e da Bahia, somente 2 permacultores de instituições da mesma cidade, dispuseram-se a conceder uma entrevista.

Vários fatores contribuíram para esse número reduzido de entrevistas.

Ao consultar inúmeros sites de praticantes da permacultura, descobriu-se que muitos abandonaram as atividades. Não foi encontrado um cadastro atualizado de praticantes. O que está disponível na internet foi atualizado no ano de 2012.

A alternativa disponível, de contatar praticantes, de outros estados e de realizar as entrevistas por Skype, não logrou êxito. Contudo, após vários contatos por telefone e uma visita prévia a cada um dos lugares, foram marcadas as entrevistas no Instituto de Permacultura da Bahia - IPB e na Casa AmarEla.

O **Permarcultor A** coordena a casa AMARela, que é um espaço localizado no bairro de Itapuã em Salvador, onde são desenvolvidas várias iniciativas de inovação social, incluindo capacitação e prática de permacultura.

Já o **Permarcultor B** é da ONG: Instituto de Permacultura da Bahia. Atua há 27 anos, capacitando futuros permacultores e desenvolvendo atividades ligadas a esse tipo de inovação social.

4.2.3. Participantes do Estudo 3

E para o estudo 3 foram entrevistados 3 promotores de empreendedorismo social: (1) o **Diretor** da Secretaria Municipal de Sustentabilidade, Inovação e Resiliência da Prefeitura de Salvador, (2) o **Gerente A** do Projetos da ONG Parque Social, e (3) o **Gerente B** do Projeto Colabore. Os participantes dos estudos 3 como do 2 foram selecionados por conveniência.

A Secretaria Municipal de Sustentabilidade, Inovação e Resiliência – SECIS, tem por finalidade formular, planejar, coordenar, executar, acompanhar e avaliar a política municipal do desenvolvimento sustentável, promover a inovação da Cidade, executar estudos e planos para a promoção ambiental e preservação dos recursos naturais, bem como formular e implementar estratégia de resiliência.

O Parque Social é uma organização sem fins lucrativos, sediada em Salvador (BA), que conta com o apoio da Prefeitura de Salvador, e cuja missão é ser agente facilitador de transformação da realidade local, valorizando o ser humano e o desenvolvimento comunitário sustentável, com foco no Empreendedorismo Social e na Participação Cidadã. Atua com o empreendedorismo social na busca por criar oportunidades de desenvolvimento

sustentável focado nos talentos e nos potenciais das comunidades, nas soluções criativas e inovadoras para problemas sociais existentes, sempre com o objetivo de atender à coletividade, promovendo o protagonismo comunitário, onde as pessoas de fato se sintam corresponsáveis e que se apropriem dessas metodologias em um processo de fortalecimento. Nesse contexto o Parque Social trabalha na perspectiva de atender às novas demandas e às expectativas da sociedade em relação a uma atuação social de maior impacto na vida das pessoas, desenvolvendo e utilizando tecnologias possíveis de serem otimizadas e replicadas, voltadas para a melhoria da qualidade de vida, com foco na capacidade das pessoas e das comunidades como agentes de mudança.

O Parque Social junto com parceiros desenvolveu o Projeto Colabore. Espaço desenvolvido para que o empreendedor tem à disposição uma estrutura (auditório, FABLAB, impressora 3D, outros equipamentos e recursos para desenvolver ideias e auxiliar os empreendedores que já tem um projeto, para que não empreendam sozinhos.

O Centro Municipal de Inovação Colabore é um espaço destinado às microempresas, microempreendedores individuais (MEIs), *startups* ou pessoas que tenham soluções de impacto social para a capital, mas que também possam contribuir para atingir os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU. É uma parceria entre a prefeitura de Salvador, o SEBRAE Bahia e o Parque Social.

O espaço de 2.700m² é composto por dezesseis contêineres marítimos antigos, que foram reaproveitados. Os contêineres foram divididos em oito módulos, sendo dois deles reservados para *coworkings*, com 26 estações de trabalho a serem utilizadas para cursos de capacitação na área de inovação. Outras vinte estações foram instaladas em dois módulos, onde funciona a incubadora de negócios sociais *InnPacto*, parceira do Parque Social. A proposta é transformar o local em um ambiente de trabalho compartilhado, promovendo a criação e a interação entre a comunidade empreendedora. Os negócios, apoiados pela iniciativa, recebem de forma gratuita o suporte técnico, operacional, gerencial e estratégico, necessários para o desenvolvimento, incluindo estrutura física para a realização de atividades.

4.3. Instrumentos e Procedimentos de Coleta de Dados

4.3.1. Estudo 1

No estudo 1 os dados referentes aos Projetos TRANSIT e Westart foram extraídos do banco de dados disponibilizado pelos projetos e realizada a análise documental.

4.3.2. Estudos 2 e 3

Nos estudos 2 e 3, como instrumento de coleta de dados foram utilizados (a) roteiro de entrevista semiestruturada (Apêndice C) para os entrevistados, (b) um pequeno questionário com itens sobre dados demográficos que foi respondido logo após o término de cada entrevista (Apêndice B), (c) observação direta e, por fim, (d) triangulação dos dados.

O roteiro continha perguntas adequadas abordando o tema, e foi adaptado conforme as respostas obtidas dos entrevistados. Propiciou uma orientação para que não houvesse desvio para outros tópicos irrelevantes. O roteiro desta pesquisa foi elaborado com perguntas relativas ao tema que só foram feitas quando o entrevistado por si só não abordou o assunto.

De acordo com Flick (2009) a utilização da entrevista semipadronizada justifica-se no fato de que os entrevistados possuem uma reserva de conhecimentos sobre o tópico em estudo. Esse conhecimento contém suposições que são explícitas e imediatas, e que podem ser expressas de forma espontânea pelo entrevistado. Após as entrevistas, sua transcrição foi realizada e posteriormente a análise de conteúdo.

Para Silverman (2005), tudo depende de como os elementos são articulados. Por meio de anotações e das gravações há identificação das sequências dos fatos e, assim, a sua validação interna. Após, deve-se efetuar a comparação do que foi dito pelos entrevistados e o que foi visto pelo pesquisador.

No contato com o entrevistado, a pesquisadora se identificou e entregou a carta de apresentação (Apêndice A) que continha a descrição, o objetivo do estudo e a importância da participação do entrevistado, segundo recomendações de Lüdke (1986). O autor esclarece que “é muito importante que o entrevistado esteja bem informado dos objetivos da entrevista e de que as informações a serem fornecidas serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa” (Lüdke, 1986, p. 37).

Lüdke (1986) sugere que o registro dos dados seja realizado através da anotação e da gravação direta, para que nenhuma informação seja perdida e, no momento da entrevista, foi

solicitada autorização por escrito para gravação, termo de consentimento e responsabilidade (Apêndice A).

A triangulação de dados é realizada com a coleta de mais de uma fonte de informações com o objetivo de corroborar o fenômeno analisado (Yin, 2001). A triangulação foi realizada em cada estudo por meio da observação direta, entrevista e análise documental.

As entrevistas foram realizadas na Bahia, na cidade de Salvador, conforme a disponibilidade do entrevistado no mês de fevereiro de 2019.

A Tabela 3 apresenta, de modo esquematizado, a relação entre os objetivos específicos, procedimentos técnicos e de análise categorizados por estudo.

Tabela 3

Relação entre os objetivos específicos com os instrumentos divididos por estudo

	Objetivo Específico	Procedimentos técnicos		Procedimento de análise	Lócus
Estudo 1	O.E. 1 e 5	Revisão da Literatura	Dados secundários (banco de dados)	Análise documental	Projeto TRANSIT e Projeto WEstart
Estudo 2	O.E. 2 e 5	Revisão da Literatura	Roteiro de entrevista semiestruturado, questionário e observação	Análise de conteúdo	Instituto de Permacultura da Bahia e Casa AmarEla
Estudo 3	O.E. 3, 4 e 5	Revisão da Literatura	Roteiro de entrevista semiestruturado e questionário e observação	Análise de conteúdo	Secretaria Municipal de Sustentabilidade, Inovação e Resiliência da Prefeitura de Salvador, ONG Parque Social e Projeto Colabore

Como pode ser visto na Tabela 3, a aplicação da Revisão da Literatura e do objetivo específico 5 perpassam todos os estudos. A Tabela 3 também apresenta os procedimentos utilizados para tratar os dados coletados, esses que serão descritos nos tópicos seguintes.

4.4. Procedimentos para Análise de Dados

4.4.1. Procedimentos para análise de dados do Estudo 1

No Estudo 1 realizou-se a análise documental dos dados retirados dos sites para mapear as iniciativas de inovação social. O banco de dados dos projetos, contém relatórios técnicos, artigos, capítulos de livro e estudos de caso. As iniciativas mapeadas foram categorizadas por tipo de inovação social: centrada no indivíduo, centrada no meio, realizada na empresa. Além disso, avaliou-se a forma, o processo, os atores envolvidos, os objetivos e, os impactos sociais e econômicos das iniciativas.

De acordo com Godoy (1995), em estudo de caso quando há uma análise quantitativa é comum a aplicação de estatística básica. Desse modo, realizou-se a análise de frequência da presença dos indicadores de decrescimento de Latouche (2010), os 8 Rs, nas iniciativas de inovação social.

4.4.2. Procedimentos para análise de dados dos Estudos 2 e 3

Para os Estudos 2 e 3 após a realização das entrevistas, as mesmas foram transcritas para posterior análise. Optou-se pela utilização da análise de conteúdo para analisar o conteúdo das entrevistas. Dado que a análise de conteúdo é uma técnica que busca compreender o que foi dito nas entrevistas ou observado pelo pesquisador. A análise de conteúdo pode ser definida como um conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que tem a finalidade de analisar conteúdos distintos, quer sejam verbais ou não-verbais (Bardin, 2011).

Para Bardin (2011), o material obtido deve ser classificado em temas ou categorias, que auxiliam na compreensão do que está intrínseco nos discursos. Segundo Zanelli (2002, p. 85) “organizar e interpretar dados qualitativos é um processo de análise sistemática, em

busca de uma descrição coerente. A organização em categorias facilita e permite atribuir significados, ou interpretar a realidade pesquisada”.

5. Resultados

5.1. Resultado do Estudo 1

Essa pesquisa se propôs a investigar a inovação social como possível promotora do decrescimento. O Estudo 1 analisou o banco de dados de dois Projetos Internacionais: Transit e WEstart.

Esses projetos foram desenvolvidos com o apoio da União Europeia e tinham como objeto, o estudo das iniciativas de inovação social de empreendedores sociais. O Projeto Transit avaliou iniciativas de inovação em várias partes do mundo e o Projeto WEstart na Europa e tinha como foco as iniciativas sociais gerenciadas por mulheres.

Transit

O Transit foi um projeto de pesquisa que estudou como a inovação social pode trazer o empoderamento e a transformação social, e promover mudanças na sociedade. Foi co-financiado pela Comissão Europeia e com a duração de quatro anos, de janeiro de 2014 a dezembro de 2017.

Seus idealizadores entendem que as iniciativas de inovação social, inclusive as contidas nas redes são entendidas como os principais atores coletivos que promovem transformações. “Alguns projetos não se iniciam com ambições transformadoras. Daqueles que o fazem, somente alguns acabam conseguindo impactos transformadores; na verdade, existem muitos riscos ao longo do caminho” (Relatório Transit, 2017).

O TRANSIT investigou redes de inovação social que englobam mais de 80 projetos pelo mundo, inclusive no Brasil. Pelo grande volume de projetos, foram selecionados, aleatoriamente, alguns desses projetos para análise. As redes selecionadas estão descritas na Tabela 4.

Tabela 4

Projetos selecionados do TRANSIT categorizados por lócus

TRANSIT		
Lócus	Projeto	Objetivo- Informações
Áustria	<i>Impact Hub</i>	Uma das maiores redes do mundo, focada na criação de comunidades empreendedoras de impacto em escala - lar dos inovadores, dos sonhadores e dos empreendedores que estão criando soluções tangíveis para as questões mais urgentes do

		<p>mundo. Promove acesso a uma rede de especialistas em negócios, oferece recursos e capital, organiza eventos, e hospeda um espaço de trabalho colaborativo.</p>
Bélgica	<i>International Co-operative Alliance -ICA</i>	<p>A Aliança Cooperativa Internacional (ICA) com foco na Cooperativa Habitacional Internacional (CHI), um sistema cooperativo dentro da ICA. A CHI conta com 65 países membros, que são mais ou menos ativos nas atividades de rede em nível global. É a rede internacional mais representativa do movimento de coabitação em termos de: número de membros, história, envolvimento nacional associado e influência global na formulação de políticas.</p>
Bélgica	<i>La Via Campesina - LVC</i>	<p>A Via Campesina é o principal movimento internacional e emergiu como um movimento internacional de camponeses com o objetivo principal de se opor ao sistema econômico global neoliberal vigente e defender o desenvolvimento rural inclusivo. Gradualmente, o movimento camponês criou ou reconstruiu uma proposta de intervenção proativa baseada na agroecologia e na luta pelo direito à terra e à soberania alimentar.</p>
Brasil e Holanda	<i>International Observatory of Participatory Democracy - OIDP Network</i>	<p>A primeira iniciativa social da OI DP foi desenvolvida na cidade de Porto Alegre, Brasil. Começou em 1989 e é um processo anual recorrente de deliberação e tomada de decisões entre a população local e o governo local com relação aos gastos municipais para o próximo ano. O produto final do processo de cada ano é o plano de investimento da cidade criado por seus cidadãos com o governo local.</p> <p>A segunda iniciativa social está localizada em Indische Buurt, Holanda. Começou em 2010 e visa mais transparência orçamentária e prestação de contas no nível local, bem como fortalecer a democracia participativa, aumentando a conscientização, o conhecimento e a influência dos cidadãos da vizinhança sobre o orçamento municipal.</p>
Estados Unidos da América	<i>FabLabs</i>	<p>Fornecem um acesso amplo aos meios modernos de invenção. O Fab Labs começaram como um projeto de extensão do <i>Center for Bits and Atoms</i> (CBA) do MIT, e tornaram-se uma rede colaborativa e global. Fornecem espaços abertos ao público, onde as pessoas podem acessar ferramentas, treinamento e projetos digitais.</p>
Global	<i>Global Ecovillage Network - GEN</i>	<p>São Ecovilas e são consideradas inovações de sistemas, pois podem ser verdadeiros laboratórios de vida comunitária e ecológica em quase todas as áreas: economias de pequena escala, eco-habitação, agricultura comunitária, cuidados, normas culturais, relações, formas de organização familiar, educação e comunicação. Usam e desenvolvem diversos métodos desde a permacultura até a resolução de conflitos, da economia até a eficiência energética.</p>
Itália	<i>Slow Food International Association</i>	<p>É uma organização global de base fundada em 1989 para evitar o desaparecimento de culturas e de tradições alimentares locais, contrabalançar a ascensão da vida rápida e combater o interesse cada vez menor das pessoas pelos alimentos que comem, de onde vem e como nossas escolhas alimentares afetam o mundo à nossa volta. Propõem soluções</p>

		e programas de comunicação relacionados à inovação social, um dos grandes desafios da sociedade contemporânea.
Reino Unido	<i>Basic Income Earth Network-BIEN</i>	Grupo organizado por ativistas e acadêmicos interessados na universalidade da renda básica de cidadania, um rendimento que garanta condições mínimas de subsistência não atrelado à remuneração de um trabalhador.
Reino Unido e Ásia	<i>DESIS Network - Design for Social Innovation and Sustainability</i>	Tem como objetivo usar o <i>design</i> para acionar, ativar e ampliar a inovação social por meio do <i>design thinking</i> e <i>design knowledge</i> . No tocante à inovação social procura aumentar o seu potencial e criar visibilidade, para facilitar a sua disseminação, aumentar sua sinergia e estimular novas iniciativas. Por meio da co-criar, com parceiros locais, regionais e globais, cenários, soluções e programas de comunicação relacionados à inovação social, desafios da sociedade contemporânea.
União Europeia	<i>European Network of LIVING LABS (ENoLL)</i>	Os Living Labs são ambientes de teste e de experimentação da vida real, em que usuários e produtores co-criam inovações, em um ecossistema aberto e confiável que permite a inovação empresarial e social. Permitem a co-criação de pesquisa, de desenvolvimento e de inovação centrados no usuário e no ser humano, de tecnologias, produtos e serviços focados no bem-estar das pessoas.
Reino Unido e Espanha	<i>Credit Unions</i>	São organizações financeiras que prestam serviços de intermediação financeira. As cooperativas de crédito são consideradas uma inovação social que reintegra a antiga concepção de um banco como parceiro e intermediário financeiro, que investe na economia real, transformando-a em algo socialmente positivo.
Bélgica, Itália, Dinamarca, entre outros	<i>The European Federation of Ethical and Alternative Banks -Febea</i>	Firmas financeiras éticas e alternativas foram criadas por cidadãos que procuravam dar outro significado ao seu dinheiro. Reúne instituições financeiras de 14 países europeus com o objetivo de desenvolver finanças éticas e sociais na Europa. Estas instituições inovadoras e pioneiras trabalham, cada uma no seu próprio país, para divulgar a importância e a urgência do desenvolvimento de modelos financeiros éticos e baseados na solidariedade na área econômica e política europeia.
Dinamarca e Romênia	<i>Living Knowledge Network</i>	O Living Knowledge visa promover o engajamento público e a participação em todos os níveis do processo de pesquisa e inovação. Buscam a cooperação com Organizações da Sociedade Civil (CSOs) para gerar ideias, questões e agendas de pesquisa. O objetivo é co-criar pesquisas para encontrar soluções e causar um impacto positivo frente aos problemas.

Dentre as iniciativas analisadas, foram identificadas, no projeto Transit, iniciativas de inovação social sustentáveis, apresentadas na Tabela 5. Essas iniciativas surgiram como parte dos mecanismos possíveis para diminuir os efeitos da crise social e ambiental, e se apresentam como estratégia, consideradas na renovação dos modelos de negócios, através

das mudanças tecnológicas nos processos de provimentos de produtos e serviços, no comportamento de usuários e em suas interações.

Tabela 5
Iniciativas Sustentáveis do TRANSIT

PROJETO	INICIATIVA	ÁREA	PAÍS
TRANSIT	DEGIS	Human Health and Social Work Activities	Itália - Internacional
TRANSIT	Global Ecovillages	Human Health and Social Work Activities	Dinamarca - Internacional
TRANSIT	La Via Campesina	Human Health and Social Work Activities	Bélgica - Internacional

As três iniciativas descritas acima desenvolvem soluções nas áreas de agroecologia, construção, plantio de alimentos, uso consciente de energia, disseminação da inovação social, ocupação rural inclusiva, entre outras, afim de trazer melhores condições para a comunidade.

Com base na descrição de Cloutier (2003), são apresentadas nos Tabelas 6 a 8, a análise das inovações sociais para cada uma das iniciativas sustentáveis.

Tabela 6
Análise das Inovações Sociais do DESIS

Classificação	Tipo de Inovação Social	Iniciativa: DESIS	
		Orientada pelo Meio	Realizada na Empresa
Forma	–	Novas relações sociais	Novas formas de organizar o trabalho
Processo	Interação e cooperação entre os envolvidos, desde concepção do projeto até a execução		
Atores envolvidos	Indivíduo e equipe		
Objetivos da Mudança	Solução do problema individual		
Exemplo de ações	Criação do design sustentável atendendo a demanda		
Impacto social e econômico	A disponibilidade do produto A continuidade da iniciativa empreendedora no mercado		

Tabela 7
Análise das Inovações Sociais da Global *Ecovillages*

Classificação	Tipo de Inovação Social Centrada no indivíduo	Iniciativa: Global <i>Ecovillages</i>	
		Orientada pelo Meio	Realizada na Empresa
Forma	–		
Processo	Interação e cooperação entre os envolvidos, desde a tomada de consciência da necessidade e, a concepção do projeto, até a execução		
Atores envolvidos		Comunidade	
Objetivos da Mudança	Solução de problemas sociais	Solução de problemas sociais e melhoria da qualidade de vida	
Exemplo de ações	Projetos para agricultura, energia, habitação, saneamento, todos sustentáveis		
Impacto social e econômico	A disponibilidade do produto A continuidade da iniciativa empreendedora no mercado		

Tabela 8
Análise das Inovações Sociais da La Via Campesina

Classificação	Tipo de Inovação Social Centrada no indivíduo	Iniciativa: La Via Campesina	
		Orientada pelo Meio	Realizada na Empresa
Forma	–	Novas relações sociais	
Processo	Interação e cooperação entre os envolvidos		
Atores envolvidos	Indivíduo, família	Sociedade, poder público	
Objetivos da Mudança	Solução de problemas sociais		
Exemplo de ações	Orientação quanto ao cultivo da terra e construção		
Impacto social e econômico	Mudança da qualidade de vida, transformação social		

As tabelas acima apresentam, segundo os parâmetros de Cloutier (2003), a descrição das inovações sociais sustentáveis do Projeto Transit, quanto à sua classificação e o tipo de inovação social.

WEstart

O segundo projeto analisado no estudo 1 foi o *WEstart*. O objetivo principal do projeto *WEstart* era obter uma melhor compreensão da situação e do estado do empreendedorismo social das mulheres na Europa. Foi o primeiro projeto de pesquisa sobre empreendedorismo social feminino na Europa. A fase piloto do projeto teve a duração de um ano e chegando ao fim em setembro de 2015. Foi o primeiro passo de uma estratégia de longo prazo para ajudar a promover o empreendedorismo social das mulheres conectando os principais interessados e defendendo a mudança de políticas que apoiam a liderança das mulheres nesse setor em crescimento. Para esse fim, criaram um banco de dados com as iniciativas de inovação social desenvolvidas na Europa.

O *WEstart* investigou mais de 1.000 iniciativas de inovação social em diversas áreas a saber:

- *Accommodation and Food Service*
- *Administrative and Support Service*
- *Agriculture, Forestry and Fishing*
- *Arts, Entertainment and Recreation*
- *Construction*
- *Education*
- *Electricity, Gas Steam and Air Conditioning*
- *Financial and Insurance Activities*
- *Human Health and Social Work Activities*
- *Information and Communication*
- *Manufacturing*
- *Professional, Scientific and Technological*
- *Transportation and Storage*
- *Water Supply, Sewage and Waste Management*
- *Wholesale and Retail Trade, Repair of Motor Vehicles and Motorcycles*

Para esse estudo, foram selecionados, aleatoriamente, projetos de todas as áreas, um de cada país participante, para conhecimento das iniciativas sociais apresentadas. Essa seleção deve-se ao grande número de projetos. Os selecionados são apresentados na Tabela 9.

Tabela 9

Projetos selecionados do WEstart categorizados por Lócus

Estart			
Lócus	Projeto	Foco	Objetivo- Informações
Alemanha	<i>Anderstark</i>	Artes, entretenimento e recreação	Pretende reduzir as barreiras, medos e preconceitos de uma forma estética, "leve" e artística. Ajuda mulheres e meninas com doenças musculares no ganho de autoconfiança. Cria uma plataforma para troca, rede e inspiração
	<i>"Klückskinder"</i>	Educação	Ajuda e motiva crianças e jovens que deixam os orfanatos e os lares adotivos para encontrar seu próprio caminho de vida e realização, sem seguir a habitual "carreira de órfão".
	<i>Irrepressible Voices</i>	Informação e comunicação	É uma plataforma de participação baseada na Internet para vídeos sobre questões de direitos humanos. Chama a atenção para questões concretas de direitos humanos e desenvolve estratégias para melhorar a situação de forma articulada com uma rede de parceiros experientes.
	<i>Velogista</i>	Transporte e armazenamento	Propõe o transporte urbano de baixa emissão e sem ruído. As motos elétricas atingem uma velocidade de 25 km / h e podem transportar uma carga de até 250 kg - substituindo carros e vans kombi no centro da cidade. Os clientes comerciais podem compartilhar, em vez de possuir, já que uma bicicleta de carga pesada de propriedade da cooperativa está disponível para as necessidades a um preço acessível.
	<i>Bonergie</i>	Eletricidade, Gás à vapor e Ar condicionado	Oferece produtos à base de energia solar, proporcionando-lhes acesso à luz, à eletricidade e à água no Senegal.. Os produtos Bonergie foram desenvolvidos especialmente para aquelas regiões que não têm conexão com a rede elétrica local. São, no entanto, também ideais para uso paralelo em áreas urbanas, garantindo que a eletricidade também esteja disponível durante quedas de energia.
Bélgica	<i>AGES</i>	Administrativo e serviço de suporte	É um Conselho da Agência de Economia Social aprovado pela Região da Valônia, desde 1996, que dedica-se, principalmente, em apoiar à criação e o desenvolvimento de empresas de

			economia social. Também se dá a missão de auxiliá-lo na criação e desenvolvimento de seu projeto associativo.
Bulgaria	<i>SOS - Families in Risk</i>	Atividades de saúde humana e de assistência social	Oferecem apoio às mulheres vítimas de violência doméstica em Varna. Não têm um modelo de modelo de empreendedorismo social e dependem, principalmente, de subvenções. Mulheres e meninas são o público-alvo.
Espanha	<i>Raons Públiques</i>	Construção	Cooperativa que oferece serviços no campo da educação, arquitetura e participação cívica.
França	<i>Supermarché Coopératif de Bordeaux</i>	Acomodação e serviço de alimentação	Loja de alimentos sendo uma alternativa aos negócios comerciais orientados para o lucro. Apenas membros da equipe podem comprar. Compartilham responsabilidades e benefícios. Oferecem uma diversidade de produtos com ênfase em alimentos orgânicos.
Hungria	<i>Celluxcsoport</i>	Artes, entretenimento e recreação	Apresentam como missão reduzir o desperdício através da reciclagem, promovendo uma vida sustentável através da educação e conscientização. Geram receita com design, educação e produtos.
Irlanda	<i>Centre for Creative Practices</i>	Artes, entretenimento e recreação	A única organização artística na Irlanda dedicada a conectar, integrar e promover artistas migrantes, experimentais e emergentes entre a cena artística local e o público.
Itália	<i>Orti Altì</i>	Agricultura, silvicultura e pesca	A associação atua no campo da promoção social, promoção cultural, divulgação, pesquisa e experimentação de práticas de agricultura urbana, reutilização do espaço urbano construído e não aproveitado (como telhados planos), através da participação direta de cidadãos e habitantes de edifícios, no cuidado e regeneração do meio urbano.
	<i>Afron</i>	Atividades de saúde humana e de assistência social	A AFRON é uma organização sem fins lucrativos que opera na África para apoiar mulheres e crianças durante a doença do câncer.
	<i>Progetto Quid</i>	Manufatura	O Projeto é uma nova marca de roupas, que seus tecidos advém de estoque excedente de marcas italianas, e são transformados em coleções exclusivas de edição limitada QUID por mulheres desfavorecidas
Lithuania	<i>Vilties žiedas, VšĮ</i>	Atividades profissionais, científicas e tecnológicas	A missão da empresa é realizar atividades que melhor atendam às necessidades dos clientes, fornecendo serviços de qualidade de ortopedia e reabilitação. A empresa se esforça para integrar pessoas com deficiência ao mercado de trabalho, dá treinamento aos desempregados,

			responde às suas necessidades e problemas, e produz itens ortopédicos.
Reino Unido	African Management Initiatives	Administrativo e serviço de suporte	O projeto visa capacitar gestores e empresários africanos através de ferramentas práticas e acessíveis de aprendizagem e desenvolvimento. E tem como visão: uma África transformada por 1 milhão de gestores que executam de forma eficaz e responsável.
Suécia	<i>Ekobanken</i>	Atividades financeiras e de seguros	Ekobanken é um "banco ético" aberto a todos que desejam participar e promover às pessoas a oportunidade de tomar iniciativas gratuitas, e o dinheiro é visto como um meio social que facilitará a cooperação das pessoas. Oferecendo empréstimos a empresas que criam um valor social, ambiental ou cultural à sociedade.
	<i>Nathalie's Direct Trade</i>	Comércio Atacadista e Varejista, Conserto de Veículos Automotores e Motocicletas	Com o objetivo de ajudar e apoiar, comprando os produtos, o Direct Trade de Nathalie compra frutas diretamente dos agricultores na Colômbia e as importa para a Suécia, a fim de apoiá-los, ajudá-los e permitir que os agricultores da Colômbia reinvestam e forneçam os melhores produtos orgânicos possíveis para a Suécia.

No Projeto WEstart, o objetivo era o de avaliar inovações sociais desenvolvidas por mulheres e aferir o grau de seu empoderamento.

As iniciativas sociais selecionadas estão relacionadas às seguintes áreas: Alojamento e Serviço de Alimentação, Serviço Administrativo e Suporte, Agricultura, Silvicultura e Pesca, Artes, Entretenimento e Recreação, Construção, Educação, Eletricidade, Vapor de Gás e Condicionamento de Ar, Atividades Financeiras e de Seguros, Atividades de Saúde Humana e Serviço Social, Informação e Comunicação, Manufatura, Profissional, Científico e Tecnológico, Transporte e Armazenamento, Abastecimento de Água, Esgoto e Gerenciamento de Resíduos, Comércio Atacadista e Varejista e Conserto de Veículos Automotores e Motocicletas, como demonstrado na Tabela 9.

No que tange a inovação social, os estudos do Projeto Westart revelaram que a idéia inovadora veio, em sua maioria, após uma experiência pessoal com uma questão social específica ou com a observação de uma necessidade social específica. Abaixo são relatados exemplos da motivação inicial para empreender.

Para muitas mulheres empreendedoras sociais a conexão pessoal e a observação de uma necessidade social são as motivações para serem empreendedoras sociais. Entretanto, é

a natureza inovadora da solução que elas criaram que as leva na busca o modelo de negócio específico de empreendedorismo social.

Uma empreendedora social, que cria brinquedos robóticos para ajudar crianças autistas, observou: “É o feedback de educadores e pais, no início do projeto, que me fez querer continuar”. Este exemplo ilustra a conexão entre a “ideia inovadora” e a motivação das mulheres empreendedoras sociais. A motivação de abrir a empresa social veio da experiência de observar a necessidade e do interesse das pessoas que seriam beneficiadas com o projeto.

Outra empreendedora social, fundadora de um aplicativo que ensina inteligência emocional para crianças, disse que o início de sua companhia se deu após a observação de como era desafiador para os pais ensinarem a seus filhos habilidades para administrar seus sentimentos. Ela percebeu que as habilidades emocionais e de gerenciamento de estresse em que se baseara quando adulta, eram algo que os pais consideravam demorado e complicado de transmitir a seus filhos. Muitos aplicativos de sucesso estavam disponíveis para ajudar pais ocupados a ensinarem habilidades acadêmicas às crianças, mas não havia nada no mercado para ensinar as habilidades emocionais.

Foram identificadas, no Projeto WEstart, iniciativas de inovação social sustentáveis, apresentadas na Tabela 10.

Tabela 10
Iniciativas Sustentáveis do WEstart

PROJETO	INICIATIVA	ÁREA	PAÍS
WEstart	Bonergie	Electricity, Gas Steam and Air Conditioning	Alemanha
WEstart	Velogista	Transportation and Storage	Alemanha
WEstart	Celluxcsoport	Arts, Entertainment and Recreation	Hungria
WEstart	Orti Alti	Agriculture, Forestry and Fishing	Itália
WEstart	Nathalie's Direct Trade	Wholesale and Retail Trade, Repair of Motor Vehicles and Motorcycles	Suécia

De acordo com Cloutier (2003), a inovação social é definida como uma ação que cria novas relações sociais, estruturas ou modos de decisão, originadas de uma consciência individual e depois coletiva, sendo contextual e dependente da trajetória, promovendo mudanças que levam a uma melhor integração dos grupos que procuram atender.

Com base na descrição de Cloutier (2003), são apresentadas nos Tabelas 11 a 15, a análise das inovações sociais para cada uma das iniciativas sustentáveis.

Tabela 11
Análise das Inovações Sociais da Bonergie

Classificação	Tipo de Inovação Social	Iniciativa: Bonergie	
	Centrada no indivíduo	Orientada pelo Meio	Realizada na Empresa
Forma	–	Novas relações sociais	
Processo	Interação e cooperação entre as partes		
Atores envolvidos	Indivíduo	Sociedade	
Objetivos da Mudança	Atender a uma necessidade individual	Atender a uma necessidade da sociedade	
Exemplo de ações	Fornecimento de energia limpa, sustentável		
Impacto social e econômico	A disponibilidade do produto A continuidade da iniciativa empreendedora no mercado		

Tabela 12
Análise das Inovações Sociais da Velogista

Classificação	Tipo de Inovação Social	Iniciativa: <i>Velogista</i>	
	Centrada no indivíduo	Orientada pelo Meio	Realizada na Empresa
Forma	–	Novas relações sociais	
Processo		Interação e cooperação entre os indivíduos	
Atores envolvidos		Empresas	
Objetivos da Mudança	Atender a uma necessidade individual	Atender a uma necessidade da sociedade	
Exemplo de ações	Oferta de veículos sustentáveis com baixa emissão e sem ruído.	Transporte compartilhado para clientes comerciais	
Impacto social e econômico	Sustentabilidade; a disponibilidade do produto A continuidade da iniciativa empreendedora no mercado		

Tabela 13
Análise das Inovações Sociais da Celluxsoport

Classificação	Tipo de Inovação Social	Iniciativa: <i>Celluxsoport</i>	
	Centrada no indivíduo	Orientada pelo Meio	Realizada na Empresa
Forma	–	Novas relações sociais	
Processo	Interação, cooperação		
Atores envolvidos	Indivíduo	Comunidade	
Objetivos da Mudança	Reduzir o desperdício através da reciclagem, promovendo uma vida		

	sustentável através da educação e conscientização. Geração de receita: design, educação e produtos.		
Exemplo de ações	Reciclagem de materiais -		
Impacto social e econômico	Geração de receita; educação da comunidade A continuidade da iniciativa empreendedora no mercado		

Tabela 1
Análise das Inovações Sociais da Orti Alti

Classificação	Tipo de Inovação Social	Iniciativa: <i>Orti Alti</i>	
		Orientada pelo Meio	Realizada na Empresa
Forma	—	Novas relações sociais	
Processo	Interação e cooperação entre os envolvidos, desde a tomada de consciência da necessidade e, a concepção do projeto, até a execução		
Atores envolvidos	Indivíduo	Comunidade	
Objetivos da Mudança	Produzir alimentos e estabelecer relações sociais e culturais através de uma atividade conjunta	Melhoria na qualidade de vida	
Exemplo de ações	Plantio de alimentos orgânicos em espaços vazios aproveitáveis	Desenvolvimento de relações interpessoais	
Impacto social e econômico	A disponibilidade do produto A continuidade da iniciativa empreendedora no mercado		

Tabela 15
Análise das Inovações Sociais da Nathalie's Direct Trade

Classificação	Tipo de Inovação Social	Iniciativa: <i>Nathalie's Direct Trade</i>	
		Orientada pelo Meio	Realizada na Empresa
Forma	Novas relações sociais		
Processo	Interação e cooperação entre os envolvidos, desde a tomada de consciência da necessidade e, a concepção do projeto, até a execução		
Atores envolvidos	Famílias produtoras da comunidade		

Objetivos da Mudança	Solução de problemas sociais	Solução de problemas sociais/melhoria da qualidade de vida	
Exemplo de ações	Aquisição da produção de alimentos orgânicos da comunidade	Promover o desenvolvimento econômico e social na região onde atua	
Impacto social e econômico	A disponibilidade do produto, o fomento à economia A continuidade da iniciativa empreendedora no mercado		

Nota: Adaptado de Cloutier (2003)

As tabelas 11 a 15 apresentam, de acordo com Cloutier (2003), a descrição das inovações sociais sustentáveis do Projeto Transit, quanto à sua classificação e ao tipo de inovação social.

Cloutier (2003) apresenta a inovação social a partir dos níveis de análise, refletindo sobre a complexidade de seu conceito e de sua abrangência. O foco no indivíduo refere-se à cooperação entre os atores sociais envolvidos para a criação, produção e difusão da inovação, resultando na criação de equipes multidisciplinares, de seu processo de aprendizagem para aquisição de conhecimentos, mudança de representações, de novos aprendizados e cooperação. A criação dessas novas relações sociais, dá suporte às relações individuais e coletivas, que caminham não somente para a solução de problemas sociais, mas também, para responder a um ideal social.

5.2 Resultado e Análise do Estudo 2

Para esse estudo, foram realizadas entrevistas com permacultores para entender a percepção deles acerca dos temas permacultura, inovação social e decrescimento, para atingir os objetivos específicos (2 e 5) conhecer a perspectiva de promotores e praticantes da permacultura e verificar se há R's do ciclo virtuoso do decrescimento nas iniciativas analisadas.

As entrevistas foram realizadas na cidade de Salvador, no Estado da Bahia, no mês de fevereiro do corrente ano. Após 3 meses de busca por praticantes de permacultura na região de Goiás, São Paulo, Ceará e da Bahia, 2 permacultores de instituições da mesma cidade, dispuseram-se a conceder uma entrevista. Alguns fatores contribuíram para esse número reduzido de entrevistas.

Ao consultar inúmeros sites de praticantes da permacultura foi identificado que muitos abandonaram as atividades. O cadastro de praticantes encontrado, disponível na

internet, teve sua última atualização no ano de 2012.

A alternativa disponível, de contatar praticantes e promotores de outros estados e de realizar as entrevistas por Skype, não logrou êxito. Contudo, após vários contatos por telefone e uma visita prévia a cada um dos lugares, foram marcadas as entrevistas no Instituto de Permacultura da Bahia - IPB e na Casa AMAREla.

A Casa AMAREla Permacultura Urbana fica na região metropolitana de Salvador. É um espaço amplo, arborizado, que foi aberto em março de 2013 e oferece as seguintes práticas: Agricultura Urbana, Ametista Terapias Integrativas, Ateliê de arte, Capoeira Angola (Figura 3), Quintal das Crianças (Figura 5), Feira na Horta, Bioconstrução, Minhocário (Figura 4), Compostagem, Yoga, Cursos e Vivências e Alecrim Laboratório de Ecologia Doméstica.



Figura 2 – Roda de Capoeira Angola na Casa AMAREla



Figura 3 – Minhocário da Casa AMAREla



Figura 4 - Quintal das crianças na Casa AMAREla

O IPB – Instituto de Permacultura da Bahia, fica em Salvador, em uma casa corporativa, a Matter Luna, e exerce suas atividades em Salvador há 27 anos, oferecendo ações comunitárias sustentáveis como cursos, treinamentos e palestras. Os permacultores da

Casa AMAREla e do IPB têm experiências teórica e prática sobre o tema e disseminam conhecimento, ensinando a outras pessoas.

O contato com a permacultura para os dois entrevistados começou cedo. O representante da Casa AMAREla foi criado em uma fazenda, e o do IPB foi introduzido ao tema pelas atividades desempenhadas pela mãe. Conhecem os princípios norteadores da permacultura e todas as possíveis atividades que ela engloba. No Espaço Casa AMAREla há várias atividades que ocorrem simultaneamente: há um espaço para o curso de Pedagogia, que começou recentemente, o minhocário, compostagem (sanitário orgânico), produção de mel e cultivo de alimentos.

Outras atividades são realizadas no espaço, como feira de orgânicos, venda de produtos naturais e rodas de capoeira. Para o permacultor da Casa AMAREla não há diferença entre sustentabilidade, ecologia, medicina ancestral: tudo é permacultura. Esse pensamento está de acordo com a definição de Mollison (1999), que diz que a permacultura é o planejamento e a execução de ocupações humanas sustentáveis, unindo práticas antigas aos conhecimentos atuais das mais variadas áreas, com o intuito de obter energia, moradia e alimentação humana de forma harmoniosa com o ambiente.

E1: *“Porque a permacultura ela fala tanto de alimento, como de arquitetura, como de meios de transporte, como de meios de medicina, como também meios de redução... consumo consciente que é que se chama...”*

E1. *“E que é... e que tudo isso é a permacultura. As medicinas holísticas, as medicinas ancestrais, a alta tecnologia que é feita pro bem e a... e todas essas... todas as formas que façam... que façam com que o ser humano permaneça que sejam formas sustentáveis. Porque na verdade a permacultura é só um nome.”*

Os dois entrevistados são formados pelo curso PDC (*Permaculture Design Program*), que os habilitam, oficialmente, a ministrarem cursos sobre o tema. O IPB é um espaço informal com inúmeras atividades. Realizam cursos sobre técnicas de permacultura e também desenvolvem atividades holísticas. Os dois permacultores retiram seu sustento das atividades de permacultura, captam sua clientela pelas informações passadas de um cliente ao outro e sempre divulgam informações pelo Instagram ou Facebook. As duas instituições encontram-se em áreas totalmente residenciais e aparentam ter um bom relacionamento com a comunidade, pois, nas visitas realizadas pela pesquisadora, a comunidade sempre esteve presente.

A Casa AMAREla não é oficialmente uma ONG, e, portanto, não pode concorrer a editais públicos. Alegam não ter interesse em receber ajuda governamental, mas, esporadicamente, recebem incentivos de pessoas ou grupos mais próximos. O IPB é uma ONG, que participa, quando possível, de editais do governo e, quando selecionada, recebem recursos para o desenvolvimento de seus projetos comunitários.

O permacultor da casa AMAREla não acredita que a permacultura torne-se uma política pública, pois entende que não há interesse. Mas acredita que ela irá se propagar pelas gerações futuras. Já o permacultor do IPB tem a esperança de que a permacultura torne-se uma política pública, pois o governo tem mais recursos. Ainda, informou que as técnicas da permacultura são fáceis de replicar, e que, com o apoio do governo, teriam maior alcance.

Foram observadas pela pesquisadora, experiências em Universidades, que desenvolvem projetos que disseminam a prática da permacultura e outras práticas sustentáveis junto à comunidade (Site do MEC - Assessoria de Comunicação). Quanto ao tema inovação social, os entrevistados afirmaram que as atividades de permacultura que desenvolvem são inovações sociais.

E1: *(Você enxerga então isso daqui como uma inovação social?) “Sim”.*

E2: *(Você entende que a permacultura é uma inovação social? “Sim”.*

E2: *“Exato. Até porque a permacultura ela reúne princípios e técnicas. Então a gente observando as técnicas ela na maioria das vezes são técnicas de fácil replicação, então você consegue ensinar pras pessoas e as pessoas é... sem grandes recursos, não precisa de muitos recursos pra poder desenvolver isso. Então eu vejo isso sim como uma grande inovação social”.*

No que tange ao decrescimento, disseram nunca terem ouvido o termo, mas gostaram dos 8 R's e que os utilizam em seu cotidiano. O entrevistado do IPB definiu como entendia os 8 R's do círculo virtuoso do decrescimento e relacionou-os com as experiências que vivenciava.

E1: *“Nossa é massa isso daqui. Show de bola. Sim, eu acho que é isso mesmo”.*

E1: *“Acho que todos esses daqui a gente trabalha”.*

E1: *“É isso aí. É isso mesmo. Esse nome decrescimento é um nome novo, mas só que a gente já trabalha com isso já”.*

E1: *(Você entende que todos esses R's estão presentes no seu trabalho aqui?)* " Sim, sim".

E2: *"Sim, essa... esse sistema dos oito R's me lembra muito um tema que a gente discute muito dentro da economia solidária que tem a ver com o consumo responsável, né? Dentro dessa ideia de... de que a gente possa ser capaz de responder pelos nossos próprios atos, né? Então, é... reavaliar, né? A questão da... reavaliar me remete muito à questão do consumo, né? Por que a gente ter um modo de consumir... muitas vezes hoje que vai mais além que as nossas necessidades, então assim... o reavaliar pra mim está muito relacionado com essa questão do consumo. O reconceituar é... essa questão de redistribuir ela me remete muito a essa questão do compartilhamento das informações, compartilhar arquivos, compartilhar nosso tempo mesmo. Interessante também a questão do realocar com a questão do local, né? De valorizar esses processos locais assim buscar enraizamento, né? Isso é muito importante porque... pensamento muito também nessa questão da economia isso é algo fundamental, assim desenvolver os processos dentro dos locais e fortalecer mesmo, né? A gente... apesar do mundo global, né? Da economia globalizada a gente tem uma tendência muito a valorizar as coisas que vem de fora, né? Que são as vezes de outro país e não reconhece o valor do nosso próprio local, da nossa comunidade. A importância de reduzir mesmo, né? Reavaliar nossos hábitos. Reutilizar e reciclar também, né? É algo que faz muito sentido principalmente aqui no nosso contexto urbano, produzimos muitos resíduos, né? E essa questão de dar um novo ciclo, né? Quando a gente descobre que um determinado... embalagem assim não nos serve mais, mas a gente pode reinserir ela no novo ciclo e isso aí, né? Não tem desperdício nesse sentido".*

E2: *"O reavaliar é muito forte. Redistribuir também. Realocar também muito forte. A questão de reduzir sim também acaba sendo uma consequência disso depois que se reavalia. Reutilizar e reciclar também. Tô tentando procurar conexões com reconceituar, mas vejo que tem uma relação de pertença... de proximidade assim, porque a permacultura ela também trabalha com visão de mundo então querendo ou não você acaba... precisa olhar qual é o... entender qual o meu conceito de mundo, como que eu enxergo meu mundo ao meu redor e a partir disso verificar se é isso mesmo, se esses valores que eu trago eles realmente, né? Fazem bem para mim, bem para o mundo, bem para a comunidade. E a reestruturação traz a questão readaptação, né? Eu acho que também é algo muito importante assim essa capacidade de se adaptar a essas estruturas sociais. Principalmente*

para poder promover as mudanças assim você precisa entender quais são as regras, né? O que rege essas relações. Perfeito, encontra... pensando bem encontra todos”.

Cabe esclarecer, que o relato acima, contém as linhas gerais das entrevistas, e não a sua reprodução integral.

A seguir, a Tabela 17 apresenta as categorias iniciais, extraídas da interpretação sobre as entrevistas realizadas.

Tabela 3
Categorias Iniciais do estudo 2

Categorias Iniciais
Inovação social
Conhecimento teórico e prático
Ambiente – parcerias: governo, ongs e instituições privadas
/Melhoria das condições de vida
Pessoas: permacultor, colaboradores e comunidade
Estrutura
Responsabilidade Socioambiental
Decrescimento
8 Rs.

As categorias apresentadas na Tabela 17, intermediárias, são oriundas do agrupamento das dez categorias iniciais. Essas categorias estão pautadas nas interpretações da pesquisadora.

Tabela 4
Categorias Intermediárias do estudo 2

Categorias Iniciais	Características	Categorias Intermediárias
Inovação social	Referencia todo o processo, sendo o ponto de partida para o desenvolvimento das atividades. A inovação como ferramenta para mudar um cenário	Inovação como ferramenta
Conhecimento teórico e prático	Explicita a necessidade do conhecimento para o desenvolvimento de suas atividades.	

Estrutura	Explicita os recursos disponibilizados para o desenvolvimento das atividades	Profissionalismo dos permacultores
Ambiente – parcerias: governo, ONGS e instituições privadas	Evidencia o apoio da comunidade, grupos e governo, quando possível, para o desenvolvimento das atividades.	Valores dos envolvidos
Pessoas: permacultor, colaboradores e comunidade	Explicita a importância do material humano, essencial para o desenvolvimento das atividades.	
Responsabilidade socioambiental	Evidencia que a atividade da permacultura em si, baseia-se totalmente em sustentabilidade, preservação do meio ambiente	Valores dos permacultores
Melhoria das condições de vida	Evidencia o principal objetivo do permacultor.	
Decrescimento	Explicita o desconhecimento dos entrevistados sobre o tema.	Desconhecimento sobre decrescimento, mas identificação de suas ações em seus processos.
8 Rs.	Evidencia que há reconhecimento dessas ações no desenvolvimento das rotinas.	

E, por fim, as categorias finais, presentes na Tabela 18, foram construídas e sintetizam o que foi observado a partir da análise das categorias intermediárias.

Tabela 5
Categorias Finais do estudo 2

Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Inovação como ferramenta	Promoção de mudanças
Profissionalismo dos permacultores	
Valores dos envolvidos	Envolvimento dos participantes
Valores dos permacultores	
Desconhecimento sobre decrescimento, mas identificação de suas ações em seus processos	Ações sustentáveis

5.2 Resultado e Análise do Estudo 3

Para o estudo 3 foram realizadas entrevistas com promotores do empreendedorismo social para conhecer sua percepção sobre os temas inovação social, empreendedorismo social e decrescimento, com a finalidade de atender os objetivos específicos 3, 4 e 5.

As entrevistas foram realizadas na cidade de Salvador, no Estado da Bahia, no mês de maio do corrente ano. Os entrevistados são o diretor da Secretaria Municipal de Sustentabilidade, Inovação e Resiliência da Prefeitura de Salvador, a Gerente de Projetos da ONG Parque Social e o Gerente do Projeto Colabore.

Na Secretaria de Sustentabilidade, Inovação e Resiliência, com o novo mandato, o governo decidiu repensar sua atuação e estabeleceu como foco para a sua gestão ações efetivas, no sentido de reduzir a desigualdade social, que é o problema mais latente da cidade de Salvador. Assim, começaram a estudar sobre inovação e de que forma o governo poderia promovê-la. Foram conhecer os principais *cases*, em vários estados brasileiros, a saber: São Paulo, Santa Catarina, Pernambuco e Minas Gerais.

Salvador é uma das cidades mais desiguais do país e o foco da atual gestão é diminuir a desigualdade por meio do desenvolvimento econômico, da geração de emprego e de um plano estratégico de resiliência. Salvador concorreu para participar do Programa 100 Cidades Resilientes, financiado pela Fundação Rockefeller, do qual participam 100 cidades do mundo. O programa tem a meta de construir uma cidade inclusiva, igualitária, moderna e inovadora e que seja um legado para gerações futuras. O programa contempla os temas como identidade e cultura; mudanças climáticas, inovação, empreendedorismo e novas economias.

O Diretor da Secretaria Municipal informou que a troca de experiência com as outras cidades é extremamente importante. Acredita que reduzindo a desigualdade resolvem-se a maioria dos problemas de uma cidade urbana - diminuindo a desigualdade social, tirando as pessoas das zonas de risco. Entende que a inovação pode diminuir a desigualdade social através do empreendedorismo, ajudando os jovens empreendedores e suas comunidades.

O foco da prefeitura hoje, através do Colabore, é apoiar e desenvolver negócios sociais, vinculados com as ODS da ONU. O objetivo é diminuir a desigualdade social através da inovação e do empreendedorismo e melhorar a qualidade de vida do soteropolitano. Nas visitas às capitais, descobriram o *coworking* público e o FAB LAB, e decidiram disponibilizar um espaço, uma sala na prefeitura para os empreendedores, mas perceberam a necessidade de um espaço maior. Assim, procuraram o Parque Social e descobriram que ambos estavam desenvolvendo a mesma ideia: realização de uma incubadora para negócios sociais.

O Parque Social é uma organização sem fins lucrativos, sediada em Salvador (BA), cuja missão é ser agente facilitador de transformação da realidade local, valorizando o ser

humano e o desenvolvimento comunitário sustentável com foco no Empreendedorismo Social e na Participação Cidadã. Atua com o empreendedorismo social, na criação de oportunidades de desenvolvimento sustentável, focado nos talentos e nos potenciais das comunidades. O Parque busca por soluções inovadoras para os problemas sociais existentes visto que tem o objetivo de atender à coletividade, promovendo o protagonismo comunitário, onde as pessoas se sintam corresponsáveis, e que se apropriem das metodologias em um processo de empoderamento.

Nesse contexto, o Parque Social trabalha na perspectiva de atender às novas demandas e às expectativas da sociedade, em relação a uma atuação social de maior impacto na vida das pessoas, desenvolvendo e utilizando tecnologias possíveis de serem otimizadas e replicadas, voltadas para a melhoria da qualidade de vida, daqueles que mais precisam, acreditando sempre, na capacidade das pessoas e das comunidades, como agentes de mudança. Dessa forma, com o apoio de outros parceiros (apresentados na Figura 6), como o SEBRAE e a Secretaria de Sustentabilidade da Prefeitura, foi construída uma unidade dentro do Parque da Cidade, o centro de Inovação Colabore – Figura 7. Nesse centro, o empreendedor tem à disposição um auditório, o FABLAB, uma impressora 3D, outros equipamentos e recursos para desenvolver ideias e auxiliar aqueles que já tem um projeto, para que não empreendam sozinhos.



Figura 5- Placa apresentando os parceiros na construção do Colabore



Figura 6- Centro de Inovação Colabore

O *coworking* público é operado e desenvolvido em parceria com o SEBRAE, que lança o edital, avalia e seleciona 20 projetos que poderão ser desenvolvidos dentro do espaço. Para a incubadora Impacto, também há seleção através de editais. O projeto da incubadora tem várias fases: pré-incubação, incubação (residentes e não residentes) e graduação. Os residentes têm acesso à mentoria, capacitação, profissionais da área de economia, marketing, assistência social, e tudo o que é necessário para o desenvolvimento do projeto. Tem, também, acesso diário ao espaço e toda a sua infraestrutura. Aqueles que não são selecionados como residentes, fazem treinamentos pontuais.

A fase da graduação, a 3ª fase que visa a implementação do projeto, dará o suporte de acompanhamento para aqueles que entrarão no mercado. São aceitos somente projetos de cunho social e vinculados com os 17 ODS. O principal critério a ser atendido é que o projeto seja de empreendedorismo social e que preveja impacto social. O Diretor acredita na união da inovação e da sustentabilidade, e declarou não conhecer o termo decrescimento.

Quanto à proposta do decrescimento achou interessante, e entende que, em relação aos 8R's, os vê, pelo menos parte deles, aplicados na infraestrutura criada. Acredita que haverá uma mudança com relação ao modo de pensar da sociedade. Porém esse fato somente será possível à longo prazo, com as novas gerações. Diz que os jovens vêm com ideias distintas das gerações anteriores, no que diz respeito à vida e natureza, sobre o que é saudável e o que deve ser respeitado.

D.: *“O decrescimento também trabalha com a redução do consumo...é interessante. Eu estava refletindo, outro dia, conversando, os jovens de hoje não são mais os jovens de*

antigamente; eles não têm mais interesse em ter um carro, esse consumo da minha época, eu quando fiz 18 anos queria ter um carro. Hoje eles querem sua independência, viajar, aprender outras coisas e eu acho que aquele consumismo que tinha na minha época, há vinte anos atrás.... Os jovens pensam em alimentação saudável, e a tendência é crescer. Todas as iniciativas sustentáveis que colocamos aqui, mostrando que é possível”.

Ressaltando esse ponto, informou que a estrutura construída foi preparada para atender, ao máximo, os 17 objetivos da ODS, corroborado na observação e demonstrado pela Figura 7.



Figura 7 - Mapa do Colabore explicando as partes da estrutura que atendem ao ODS

Como apresentado nas Figuras 6 e 7, o Colabore apresenta: teto verde, tratamento de esgoto, iluminação cruzada, captação de água da chuva e aproveitamento de containers marítimos descartados – base de sua estrutura. Toda a estrutura foi pensada com o objetivo de readaptar materiais para reutilização e na diminuição do impacto do consumo de energia como apresentadas nas Figuras 9 e 10. O diretor da Secretaria Municipal de Sustentabilidade, Inovação e Resiliência disse “mesmo na realização de coisas pequenas, prova-se que é possível”.



Figura 8- Placa explicativa sobre o sistema de tratamento e reutilização de esgoto do Colabore



Figura 9- Placas explicativas sobre a utilização de cobertura vegetal, do sistema de ar condicionado e a captação de água da chuva no Colabore

A gerente de projetos do Parque Social, explica que o Parque Social é uma organização não governamental, criada nos anos 40, e que sempre teve uma perspectiva assistencialista. Com a nova gestão sem a primeira dama, em 2013, mas com a primeira mãe, que com a experiência política de estar sempre nas comunidades sentiu-se incomodada em reproduzir o modelo assistencialista de continuar distribuindo cestas básicas, fornecimento

de óculos e dentadura. Apesar de saber que esse trabalho é necessário e não pode parar, pois Salvador é muito pobre, decidiu submeter a ONG a um processo de reconfiguração.

Assim, a ONG deixou de se chamar Mais Social, para se chamar Parque Social e implementou uma mudança de missão, que passou a ser a de fomentar o empreendedorismo social com o entendimento de que é preciso estimular o protagonismo das comunidades. Começou, então, a busca pela literatura sobre empreendedorismo social, que era, quase inexistente em Salvador. A gerente explica que o Parque Social tem o propósito de estimular o empreendedorismo social, estimulando o protagonismo dos indivíduos e das comunidades, voltado para as pessoas em situação de vulnerabilidade social, e que tenta instrumentalizar as pessoas, no caminho de uma maior autonomia. Também diz que desconhece o termo decrescimento, mas que o vê aplicado em sua rotina.

G: “...Antes a ONG chamava-se Mais Social e agora chama-se Parque Social, mudando a missão que é justamente de fomentar o empreendedorismo social no entendimento de que era preciso estimular o protagonismo dessas comunidades....apostando no protagonismo das pessoas e das comunidades, voltado para pessoas em situação de vulnerabilidade social e que tenta instrumentalizar as pessoas em um caminho de maior autonomia e protagonismo. Nunca ouvi o termo decrescimento, mas olhando esses verbos....alguns são aplicados aqui no Colabore e em alguns projetos que ajudamos a desenvolver.

Dos treze programas e projetos que o Parque Social desenvolve atualmente serão descritos somente aqueles que tratam do empreendedorismo social e que se encontram em distintas fases de desenvolvimento.

O Programa Agente de Empreendedorismo tem como propósito fomentar o desenvolvimento socioeconômico por meio do estímulo ao empreendedorismo, apoiando os empreendedores e potenciais empreendedores no acesso ao crédito e na aquisição de conhecimento específico para que possam atuar com maior profissionalismo no seu negócio.

O Programa conta com 90 Agentes de Empreendedorismo, que atuarão em 79 escolas da rede municipal de ensino, 10 Prefeituras Bairro e 01 no SIMM (Sistema de Intermediação de Mão de Obra Municipal) identificando empreendedores e potenciais empreendedores nas comunidades e apoiando-os por meio da oferta de capacitação, acesso ao crédito e na modelagem de negócios.

Desse modo, é possível a geração de negócios sustentáveis, o aumento da renda dos

empreendedores, a autonomia na gestão do negócio e na inclusão econômica e o desenvolvimento das comunidades. O Programa Agente de Empreendedorismo é viabilizado por meio de Acordo de Cooperação com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Urbanismo - SEDUR , com a Secretaria Municipal do Trabalho, Esporte e Lazer - SEMTEL, com o Banco do Nordeste do Brasil (BNB) e com o SEBRAE.

Iniciado no último trimestre do ano de 2018, até a presente data, as atividades realizadas foram de seleção e contratação da equipe técnica, de treinamento da Coordenação e Orientadores de Campo para conhecimento do Programa, de seus instrumentos e da metodologia de trabalho. Em razão do largo alcance do Programa foram ainda construídos instrumentos específicos para cada fase, de acordo com a tarefa a ser desempenhada, de forma que o trabalho seja realizado obedecendo a mesma sistemática por todos os Agentes de Empreendedorismo, favorecendo o monitoramento e o acompanhamento das atividades pela Coordenação do Programa.

O Programa Comunidade Empreende – PCE Região do Nordeste de Amaralina, teve início em janeiro de 2018, com o propósito de disseminar a cultura do empreendedorismo social e a autossustentabilidade para as pessoas com uma ideia de negócio e/ou que já empreendem – mas que precisam estruturar seus negócios-, e que residam nos bairros da Chapada do Rio Vermelho, Nordeste de Amaralina, Santa Cruz e Vale das Pedrinhas.

Realizado em parceria com o Instituto Camargo Corrêa, a implementação do Programa aconteceu de forma planejada e estratégica. Durante os quatro primeiros meses, a Equipe Técnica debruçou-se em conhecer a comunidade através de dados primários e secundários (pesquisando dados em órgãos oficiais, pesquisas existentes) bem como visitas de campo e entrevistas com moradores. A metodologia também foi pensada com o objetivo de atender qualquer público, independentemente do nível de escolaridade. Em seguida, ocorreu a capacitação empreendedora para 51 empreendedores com carga horária de 144h, que abordou diferentes temáticas (Finanças, Modelagem de Negócios, Análise de Mercado, Captação de Recursos, Comunicação & Marketing, Liderança e Plano de Negócios), além de oferecer oficinas diversificadas como oratória, marketing pessoal, postura corporal e produção de conteúdo para mídias sociais.

O Programa, ainda, ofereceu encontros de mentoria, nos quais o empreendedor tinha um suporte personalizado, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento das habilidades em empreender, em identificar de oportunidades e soluções criativas durante o

processo de desenvolvimento ou fortalecimento dos negócios, bem como contribuir no empoderamento, na autoconfiança, na autoestima do empreendedor, no aumento da renda e na sustentabilidade do negócio. O PCE realizou a Rodada de Negócios Sociais e o Sarau Comunidade Empreende, além de ter apoiado os empreendedores a participarem da Virada Sustentável Salvador, promovendo a conexão social entre os participantes e o ecossistema de negócios sociais e de empreendedorismo de Salvador. Proporcionando visibilidade dos empreendimentos e da comunidade em seus aspectos positivos (cultura, história e atores sociais) e o fortalecimento e o amadurecimento do empreendedor. As fases de capacitação empreendedora, mentorias e certificação aconteceram no primeiro semestre de 2019.

O Projeto Empreendedor Digital foi iniciado em novembro de 2018 com o objetivo de oferecer uma capacitação à adolescentes, de 14 a 17 anos, a respeito de conhecimentos sobre comunicação e marketing com foco em gestão de conteúdos digitais visando o fomento do empreendedorismo social no Município do Salvador.

Realizado em parceria com Secretaria Municipal de Políticas para Mulheres, Infância e Juventude – SPMJ, com recursos provenientes do Banco do Nordeste (BNB) por meio de projeto apresentado pelo Parque Social, aprovado em edital, o projeto evidencia a importância da temática das redes sociais na atualidade e seu grande apelo entre o público adolescente, fato corroborado pelo alto número de inscrições (690) para um projeto com pouco tempo de divulgação. O Projeto Empreendedor Digital demonstra uma grande capacidade de transformação das vidas de adolescentes em situação de vulnerabilidade ao mesmo tempo em que fomenta o comércio e o empreendedorismo local. Além de possibilitar a inclusão de adolescentes no mercado de trabalho, o projeto realizará suas atividades e atenderá a 400 adolescentes da cidade no ano de 2019.

O Projeto Jovem Líder Empreendedor Social tem como objetivo: capacitar adolescentes e jovens de comunidades de Salvador para desempenhar o papel de futuros líderes comunitários, estimulando-os à compreensão do conceito de liderança do futuro com foco no Empreendedorismo Social, por meio da valorização das experiências da participação cidadã e da integração comunitária.

Realizado em parceria com a Secretaria Municipal de Promoção Social e Combate à Pobreza - SEMPS, tem como público-alvo adolescentes e jovens com idade entre 14 e 24 anos, residentes na cidade do Salvador e regularmente matriculados na rede pública de ensino ou concluintes do ensino médio. No ano de 2018, 93 jovens concluíram o projeto.

Além de uma capacitação de 226 horas, envolvendo disciplinas diversas (Empreendedorismo Social; Sustentabilidade e Desenvolvimento Social; Leitura, Interpretação e Produção Textual; Atualidades; Liderança do Futuro/Liderança Servidora; Gestão Financeira; Legislação do Terceiro Setor; Desenvolvimento Local e Comunitário; Elaboração de Projetos; Capacitação Digital), foram realizadas palestras e oficinas sobre temáticas transversais e complementares à capacitação dos jovens que foram estimulados a elaborar projetos sociais para as suas comunidades.

Um dos destaques de 2018 foi justamente a elaboração dedicada, por parte dos participantes, de 19 projetos sociais voltados às suas comunidades, já evidenciando uma postura de líderes e agentes de transformação. O Projeto ainda prevê a realização de um intercâmbio para uma cidade brasileira que apresente projetos de empreendedorismo social de referência e de protagonismo juvenil para os 4 jovens que mais se destacarem no ano. Em janeiro de 2018, ocorreu a viagem para São Paulo dos jovens da turma de 2017. E, em março de 2019, o intercâmbio da turma de 2018 será em Curitiba, uma vez que esta vem se destacando como uma cidade com um ecossistema de empreendedorismo social inovador.

O Projeto Líder Empreendedor Social tem como propósito, capacitar lideranças em gestão comunitária, com foco no empreendedorismo social e na participação cidadã, mediante ao estímulo de seu potencial como agente transformador da realidade local. Destinado a pessoas engajadas em ações/atividades e/ou projetos sociais com idade entre 18 e 60 anos e residentes em comunidades da cidade do Salvador, o projeto oferece conhecimento técnico para melhorar a atuação desses líderes, bem como estimular a liderança servidora, por focar o crescimento e o bem-estar das pessoas e da comunidade à qual ela pertence.

Esse Projeto é uma proposta diferenciada, pois os legítimos representantes das comunidades são capacitados para construir projetos de Ação Cidadã. Sendo considerado como fundamental a identificação dos potenciais, dos ativos, da vocação e do acúmulo de saberes das comunidades. Durante a capacitação, os líderes têm a oportunidade de conhecer e de trabalhar temas que despertem uma visão ampliada do social, reforçando seu papel enquanto agente transformador da realidade local.

Sendo assim, o Projeto Líder Empreendedor Social estimula o desenvolvimento de competências, que subsidiam os líderes empreendedores sociais a atuarem como agentes de mobilização e de transformação, facilitando diálogos com atores locais e com agentes

externos, sempre, na perspectiva de promover a melhoria da qualidade de vida das pessoas e da comunidade a qual pertencem. Com uma carga horária de 168h, a capacitação envolve disciplinas como Empreendedorismo Social, Gestão Comunitária, Legislação do 3º Setor, Gestão de Projetos, Gestão Financeira e palestras com temas transversais. A iniciativa apresenta ainda como diferencial a elaboração de um Projeto Ação Cidadã específico para sua comunidade e a prática de elaboração de projetos, permitindo aos participantes serem preparados na perspectiva também de ampliar as chances de suas entidades, concorrerem nos editais, na disputa por recursos públicos e/ou privados.

A cada ano o Projeto oferece oitenta vagas, divididas em dois ciclos. No primeiro ciclo de 2019 concluíram 38 participantes e o segundo, integrado por 42 participantes, será concluído em breve. O trabalho realizado na capacitação promoveu uma visão diferenciada para os participantes, voltada para a solução de problemas sociais locais, possibilitando lideranças mais preparadas e motivadas a contribuir para a melhoria das suas comunidades.

O gerente do centro de Inovação Colabore, com a incubadora *Innpacto*, explica que o centro foi inaugurado recentemente, sob a supervisão do SEBRAE, e que editais serão lançados em breve. Buscando projetos que tenham como tema empreendedorismo, mas na forma de negócios sociais, que é uma temática bem atual dentro do empreendedorismo social e que se diferenciam, pelo fato de que visam não somente atender a comunidade, mas que gerem lucro e sejam autossustentáveis, isto é, não demandem doações para sua sobrevivência e que gerem, intencionalmente, impacto social positivo para a sociedade.

Informou, ainda, que serão atendidos projetos em diversas fases desde projetos somente no papel, até projetos que já tenham sido implementados. Haverá uma métrica a ser construída para mensurar esse possível impacto. Dentro desse período de 6 meses de incubação, o projeto do empreendedor terá uma consultoria inicial com diagnóstico e plano de ação a ser desenvolvido. Terá a orientação individual de especialistas, com expertise no ramo do negócio a ser desenvolvido. Será disponibilizado, também, assessoria de comunicação, de marketing, jurídica, contábil e de design. A meta é atender até 30 negócios a cada ciclo de 6 meses com orientações - teóricas e práticas.

G: O programa tem a duração de 6 a 12 meses, tempo em que o empreendedor terá uma mentoria, um especialista na área de negócios, com expertise na área do projeto dele. A ideia é que esse profissional acompanhe todo o processo de incubação. Ele terá

assessoria, que é um serviço que a gente vai disponibilizar na área de comunicação e marketing; haverá capacitações teóricas e práticas para o desenvolvimento do negócio. Serão estabelecidas métricas para avaliação. Terão acesso a toda estrutura da incubadora Innpacto, além de tudo o que está no Colabore... O interesse é que desenvolva todo o negócio e atinja as metas estipuladas. Devido à limitação de espaço serão atendidos de 25 a 30 projetos por ciclo”.

Após a formação, o empreendedor continuará a ter acesso ao espaço e poderá capacitar a sua equipe de trabalho. Abrirão espaço, futuramente, para a captação de voluntários e de novos parceiros. Esclarece que, toda a concepção desse projeto que está se concretizando, é de criação do Parque Social, que atuará como parceiro. Quanto ao decrescimento, esclarece que não conhecia o termo, mas que o mesmo, além de interessante, é muito polêmico. Sobre os 8 R's, diz que alguns deles fazem parte do seu cotidiano.

A seguir, serão apresentadas as categorias formadas a posteriori, obtidas, a partir das primeiras impressões colhidas das entrevistas realizadas. São resultantes do processo de codificação das entrevistas transcritas, em um total de dez categorias. Cada categoria baseia-se em trechos das falas dos entrevistados.

Assim, a Tabela 19, ilustra a nomeação concedida a cada categoria inicial.

Tabela 6
Categorias Iniciais do estudo 3

Categorias Iniciais
Opções ao Assistencialismo
Inovação social
Conhecimento teórico e prático
Ambiente – parcerias: governo, ongs e instituições privadas
Redução da desigualdade social
Pessoas: empreendedor, colaboradores e comunidade
Estrutura
Responsabilidade Socioambiental
Decrescimento
8 Rs.

As categorias apresentadas na Tabela 20, intermediárias, são oriundas do agrupamento das dez categorias iniciais. Essas categorias estão pautadas nas interpretações da pesquisadora.

Tabela 20
Categorias Intermediárias do estudo 3

Categorias Iniciais	Características	Categorias Intermediárias
Opções ao assistencialismo	Explicita que a ação anteriormente adotada não conseguia atender às necessidades.	Empreendedorismo dos promotores.
Inovação social	Referencia todo o processo, sendo o ponto de partida para o desenvolvimento das atividades. Evolução do pensamento e busca da inovação para mudar um cenário	
Conhecimento teórico e prático	Explicita a busca pelo conhecimento para o desenvolvimento de um projeto real que possa trazer resultados positivos e concretos.	Profissionalismo dos promotores
Estrutura	Explicita os recursos humanos e tecnológicos disponibilizados para o desenvolvimento do projeto	
Ambiente – parcerias: governo, ONGS e instituições privadas	Evidencia o apoio das organizações e governo na construção de alternativas.	Valores dos envolvidos
Pessoas: empreendedor, colaboradores e comunidade	Explicita a importância do material humano, essencial para o desenvolvimento do projeto.	
Responsabilidade socioambiental	Evidencia a percepção dos entrevistados quanto aos 17 ODS, pois toda a estrutura construída para o desenvolvimento do projeto atende aos princípios da sustentabilidade	Valores dos promotores
Redução da desigualdade social	Evidencia o principal objetivo do promotor.	
Decrescimento	Explicita o desconhecimento dos entrevistados sobre o tema.	Desconhecimento sobre decrescimento, mas identificação de suas ações em seus processos.
8 Rs.	Evidencia que há reconhecimento dessas ações no desenvolvimento das rotinas.	

As categorias finais, relacionadas na Tabela 21, sintetizam o que foi observado a partir da análise das categorias intermediárias.

Tabela 7
Categorias Finais do estudo 3

Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Empreendedorismo dos promotores.	Empreendedorismo dos promotores de inovação social
Profissionalismo dos promotores	
Valores dos envolvidos	Envolvimento dos participantes
Valores dos promotores	
Desconhecimento sobre decrescimento, mas identificação de suas ações em seus processos.	Ações sustentáveis

6. Discussão

Essa pesquisa se propôs a investigar a inovação social como possível promotora do decrescimento. Foram realizados três estudos: o Estudo 1 analisou o banco de dados de dois Projetos Internacionais (Transit e Westart), o Estudo 2 entrevistou promotores e praticantes da permacultura no Estado da Bahia e o Estudo 3 entrevistou promotores do empreendedorismo social em Salvador.

Segue abaixo, na tabela 22, um panorama dos resultados encontrados no Estudo 1

Tabela 22

Resultados encontrados nas iniciativas selecionadas dos Projetos Transit e Westart

Demandas	Projetos Transit e Westart
Áreas de inovação social	13 áreas distintas: Agricultura, silvicultura e pesca; Artes, Entretenimento e Recreação; Construção; Educação; Eletricidade, Vapor de Gás e Condicionamento de Ar; Atividades Financeiras e de Seguros; Atividades de Saúde Humana e Serviço Social; Informação e comunicação; Fabricação; Profissional, Científica e Tecnológica; Transporte e Armazenamento; Abastecimento de Água, Esgoto e Gerenciamento de Resíduos; Comércio Atacadista e Varejista, Conserto de Veículos Automotores e Motocicletas.
Iniciativas de inovação social sustentáveis – 8 iniciativas	Área da Saúde Humana, Serviço Social, Eletricidade, Vapor de Gás e Condicionamento de Ar, Transporte e Armazenamento, Artes, Entretenimento e Recreação, Agricultura, Silvicultura e Pesca, Comércio Atacadista e Varejista, Conserto de Veículos Automotores e Motocicletas
Ações de inovação social	Plantio de alimentos orgânicos em espaços vazios aproveitáveis criação do design sustentável atendendo a demanda Projetos para agricultura, energia, habitação, saneamento, todos sustentáveis Orientação quanto ao cultivo da terra e construção Fornecimento de energia limpa, sustentável Oferta de veículos sustentáveis com baixa emissão e sem ruído. Reciclagem de materiais Plantio de alimentos orgânicos em espaços vazios aproveitáveis Aquisição da produção de alimentos orgânicos da comunidade
Tipo de impacto da inovação social	criação do design sustentável atendendo a demanda, projetos para agricultura, energia, habitação, saneamento, todos sustentáveis; mudança da qualidade de vida, transformação social; a disponibilidade do produto; a continuidade da iniciativa empreendedora no mercado; geração de receita; educação da comunidade; a disponibilidade do produto, o fomento à economia.
Decrescimento	4 R's são praticados pelas iniciativas de inovação social sustentáveis

A tabela 22 apresenta um resumo dos resultados encontrados os projetos Transit e WEstart, como as áreas onde as iniciativas são desenvolvidas, quais ações são praticadas, que tipo de impacto foi relatado acerca daquela iniciativa, bem como sua relação com o decréscimo.

Na análise desses projetos, além da identificação das iniciativas de inovação, procurou-se identificar as ações praticadas e o impacto gerado, se houvesse. Os resultados apresentados pelo Projeto Transit mostraram que 46% das iniciativas tiveram um alcance amplo e atenderam as demandas da comunidade, observando sempre os aspectos sociais e econômicos. Outras iniciativas não foram bem-sucedidas e precisaram ser revistas, a exemplo do FabLabs, que de acordo com o relatório, apesar da infraestrutura oferecida, teve que rever sua estratégia para se tornar conhecido e utilizado.

O objetivo específico relacionado ao estudo 1 foi o de identificar as inovações sociais nas diversas áreas. Conforme apresentado na Tabela 3, foram selecionadas e avaliadas redes de inovação social que fizeram parte do Projeto Transit e WEstart, cujo escopo era o de avaliar empreendedores sociais e identificar se a inovação social poderia trazer a transformação social e promover mudanças na sociedade.

Em relação as ações relacionadas às iniciativas de inovação social, o Manual Internacional da Inovação Social define que o processo de inovação social se dá a partir de distintas formas de ações coletivas e tem como resultado, a inclusão social e o bem-estar coletivo, através da melhoria das relações sociais e do empoderamento de indivíduos e da comunidade (Moulaert, Maccallum, & Hillier, 2013).

Essas ações sociais têm como objetivo, fortalecer os contextos locais e as relações entre os indivíduos e as classes sociais (perspectiva micro), o Estado e outras instituições (perspectiva macro). Espera-se que com o aumento das competências entre os atores envolvidos, estes, desenvolvam novas ações na sociedade, gerando soluções novas e duradouras para grupos sociais, as comunidades ou à sociedade em geral (Moulaert, Maccallum, & Hillier, 2013).

Dentre essas iniciativas, foram identificadas oito iniciativas de inovação sustentáveis, nos dois projetos. Para Maçaneiro e Cunha (2010), a inovação sustentável distingue-se da inovação, ao promover mudanças e melhorias no desempenho ambiental, dos produtos, processos, estratégias de negócios, mercados, tecnologias e sistemas de inovação. Nesse

contexto, a inovação sustentável define sua contribuição ao apresentar redução dos impactos ambientais, de produtos e de processos.

As inovações sociais sustentáveis dependem da iniciativa e da cooperação dos agentes (indivíduos e organizações), permitindo a difusão dos valores propostos à sociedade como um todo. Também demandam regulamentação propícia à sistematização em âmbito regional e nacional; orientadas por políticas de implementação e atendimento à requisitos de sustentabilidade.

As ações descritas nas Tabelas 8 a 15 do estudo, trazem benefícios à comunidade: redução da desigualdade de renda, a inclusão dos menos favorecidos, melhores condições de trabalho, educação e saúde acessíveis, diminuição do desemprego, erradicação de maus tratos às crianças e idosos, a criação de programas para minimizar a poluição e as alterações climáticas. Cada iniciativa, é vista como um processo de aprendizagem coletiva e de intercâmbio de conhecimento, social e compartilhado, onde a combinação de diferentes fontes e tipos de conhecimento criam algo novo, permitindo que diversos atores se tornem colaborativos mesmo tendo diferentes objetivos sociais (Bock & Fieldsend, 2012).

Quanto ao impacto, no Projeto Transit, pôde ser observado, nas esferas econômica, ambiental, educacional e na valorização da identidade as iniciativas do Impact HUB, da ICA e da La Via Campesina, entre outras. Algumas iniciativas têm alcance internacional, tendo seu modelo adaptado, para atendimento de outras comunidades, no caso, o projeto OIDP Network. Outras iniciativas, que não foram bem-sucedidas, são chamadas de iniciativas com alcance de base, pois ainda não são representativas junto à comunidade, como o FabLabs.

O impacto educacional também esteve presente, quando houve a disseminação do conhecimento junto à estudantes de vários níveis, sendo identificada por tais ações a Celluxsoport.

Já o impacto sistêmico, foi percebido quando as iniciativas produziram mudanças na sociedade, criando políticas e mudando estruturas e processos organizacionais. Houve projetos que tiveram a oportunidade de trabalhar com o governo na formulação de políticas públicas para o benefício da sociedade.

O Projeto Transit não divulgou, especificamente, que metodologias ou técnicas utilizou para a avaliação do impacto, mas nos textos complementares à pesquisa, informam que as atuais ferramentas de medição e abordagens de avaliação, são baseadas em práticas contábeis convencionais e, portanto, tendem a focar os resultados de produtos e de

serviços, principalmente, avaliando o desempenho econômico, reconhecendo a existência de limitações na avaliação do impacto em iniciativas sociais.

Esclarecem, também, que este fato representa um desafio particular, quando se trata de avaliar os impactos da inovação social, que têm efeitos pretendidos para além do econômico e financeiro. E concluem que há a necessidade do desenvolvimento de novas métricas, específicas para a inovação social.

Igualmente relatado pelo Projeto Westart, que avaliou as iniciativas lideradas por mulheres e corroborou a dificuldade em mensurar o impacto dos projetos. Esclareceram que poucos países têm sistemas e metodologias que possibilitem medir e relatar o impacto. Porém, conseguiram constatar que 64% das mulheres empreendedoras sociais não medem o impacto social acarretado pela sua inovação / negócio. 34% das empreendedoras sociais conseguiram que mensurar o impacto, assim, afirmam utilizar muitas metodologias e ferramentas. Uma técnica utilizada é a utilização de feedback qualitativo feminino, pois o tipo de impacto que as empreendedoras desejam alcançar é no nível social, onde pode haver mudança na forma como as pessoas ou grupos veem determinados assuntos.

Nos Estudos 2 e 3 o impacto não é abordado de forma específica. Em linhas gerais, é avaliado pela forma como aquela iniciativa social foi inserida na comunidade e se foi aceita, isto é, trouxe benefícios palpáveis. A literatura confirma o que foi encontrado na pesquisa como apresentado por Zucolotto e Respondovsk (2018), o termo “inovação com impacto social” trata de produtos, de processos e de serviços inovadores, que atendam a desafios sociais. Para esses autores os beneficiados pelas inovações com impacto social seriam: a) inovações voltadas às demandas de parte expressiva da sociedade (desafios da sociedade); ou b) demandas de grupos socioeconomicamente vulneráveis da população. Informam que os estudos sobre o impacto da inovação expandiram-se na última década, devido a evolução computacional, que facilita a disposição de dados das empresas, mas no que se refere à inovação social, métricas e indicadores que sejam consenso ainda estão sendo elaborados (Zucolotto & Respondovsk, 2018).

Em relação ao empoderamento, da comunidade a qual os empreendedores pertencem, os pesquisadores Jesus e Costa (2013) acreditam que a inovação social implica em participação, empoderamento e cidadania. Portanto, mais do que apresentar soluções para as demandas sociais, a inovação social fortalece os grupos demandantes.

Com relação a permacultura, as ideias apresentadas, como forma de preservar o meio ambiente e de reduzir custos e consumo de energia são ratificadas por Lassance e Pedreira (2004), que afirmam que as inovações sociais se caracterizam pela simplicidade, pelo baixo custo, pela fácil aplicabilidade e pelo impacto social. Seriam “ideias boas e baratas”, em geral consideradas apenas como boas práticas, que, por isso, deixaram muitas vezes de serem vistas pelas políticas públicas.

No tocante a responsabilidade sócio ambiental, ela foi identificada em algumas iniciativas do Estudo 1 e nos Estudos 2 e 3 de forma contundente, pois, buscam atender o maior número possível dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e preservar o ambiente. Suas ações de preservação do meio ambiente, vão de encontro aos estudos de Bessant e Tidd (2009), Gomes et al. (2009), Kim (2015) e Santos et al. (2013), que dizem que a sustentabilidade ambiental e social seria a formadora das inovações produzidas pelas organizações. Que existe uma relação entre o perfil organizacional inovador e o perfil organizacional sustentável, fazendo com que a inovação possa ocasionar produtos, processos e métodos sustentáveis.

De acordo com Menezes et al. (2011), alguns estudos destacam a inovação e a sustentabilidade ambiental e social como diferenciais nas organizações, pois tornam-se indispensáveis, sem as quais é improvável alcançar a sobrevivência à longo prazo.

Em relação à busca do conhecimento, se faz presente, claramente, nos 3 Estudos, a busca por conhecimento por parte de todos os atores envolvidos no processo de inovação social, como pode ser visto nas falas do diretor, da gerente do Parque Social e do gerente do Colabore e nas iniciativas de permacultura, Bignetti (2011) que compreende a inovação social, como o resultado do conhecimento aplicado às necessidades sociais, com a participação de todos os atores envolvidos.

Já os autores André e Abreu (2006) argumentam que, em termos de recursos, a inovação social se aproxima da tecnológica, ao se considerar o conhecimento ou os saberes em geral. Para esses autores, comprova-se a presença de agentes altamente qualificados que, fazem evoluir o processo de inovação social (André & Abreu, 2006).

Nesse sentido, Dagnino e Gomes (2000) acreditam que a inovação social se reveste de conhecimento intangível, tácito ou codificado, tendo como objetivo o aumento da efetividade dos processos, dos serviços e dos produtos relacionados à satisfação das necessidades sociais.

E por fim, foi verificada se havia a presença dos indicadores de decrescimento nas iniciativas de inovação social. Para esse objetivo específico, foi analisada a finalidade de cada empreendimento sustentável e observadas suas características.

Nas oito iniciativas de inovação social sustentáveis, apresentadas nas tabelas 5 e 10, identificou-se a presença dos 8 R's do decrescimento nas proporções descritas na Tabela 23.

Tabela 23

Porcentagem de Rs do decrescimento presentes nas iniciativas do Projeto WEstart

Rs do decrescimento	N de iniciativas	Porcentagem
Reavaliar	6	75%
Reconceituar	0	0%
Reestruturar	0	0%
Redistribuir	0	0%
Relocalizar	2	25%
Reduzir	0	0%
Reutilizar	2	25%
Reciclar	6	75%

Como exposto na Tabela 23, reavaliar e reciclar estão presentes em 6 das iniciativas analisadas. Relocar e reutilizar foram identificadas em 2 iniciativas, e os demais R's não foram identificados. Os R's encontrados não se repetiram na mesma iniciativa. Esses cálculos foram realizados analisando-se cada um dos descritivos das atividades desenvolvidas nos projetos. Foi feito um somatório do total de iniciativas sustentáveis e pela regra de três simples, calculou-se a porcentagem correspondente de R's presentes nas iniciativas.

Nesse contexto do decrescimento, pode-se verificar que as propostas apresentadas por Latouche (2009), são direcionadas a um contexto global, importando em mudanças políticas e sociais que demandariam um tempo e vontade para conscientização e aplicação de fato. Se pensarmos em suas propostas, ao apresentar o seu plano para instauração da sociedade do decrescimento sereno, respaldaria o que foi constatado nos três estudos, que algumas experiências de inovação social, de forma localizada e em pequena escala, contribuem para a promoção do decrescimento, dando os primeiros passos nesse caminho.

Um estudo realizado por Aron Krause Litvin, no qual foram analisados os 8R's do decrescimento, em relação ao comportamento das famílias de baixa renda, indicou que, apesar de conhecerem individualmente e até praticarem alguns dos R's do decrescimento,

por viverem em severa desigualdade social, não deixariam de consumir, se tivessem a oportunidade. Mas se faz necessário, encontrar outros estudos que corroborem a opinião dessa pesquisadora. A Conferência Mundial sobre Decrescimento, realizada no México em 2018, em seu relatório final, informou que há pessoas em todos os níveis sociais que, em princípio, podem aprovar a imposição de limites ao crescimento econômico e financeiro, mas que ainda existem pouquíssimas pessoas no mundo dispostas a abandonar voluntariamente ou parcialmente, seu modo de vida e lutar pela imposição desses limites.

Apesar de Latouche ter afirmado em sua obra, que “ninguém ousa dar o primeiro passo” em direção ao decrescimento, algumas ações da sociedade e do Estado, estão sendo tomadas nesse sentido, e, independentemente de sua abrangência, representam um início nesse processo.

Por fim, os principais resultados do estudo foram compilados na Tabela 24, indicando o alcance dos objetivos, relacionando os objetivos com os resultados encontrados.

Tabela 242

Objetivos e indicativo de principais resultados do estudo

Pergunta da Pesquisa	A inovação social pode promover o decrescimento?				
Objetivo Geral	Avaliar se iniciativas de inovação social podem contribuir para a promoção de práticas do decrescimento.				
Objetivos Específicos	Analisar iniciativas de inovação social dos Projetos Transit e WEstart	Conhecer a perspectiva de promotores e praticantes da permacultura	Identificar iniciativas de inovação social relacionadas ao empreendedorismo social	Conhecer a perspectiva dos promotores do empreendedorismo social	Verificar se há R's do ciclo virtuoso do decrescimento nas iniciativas analisadas
Resultados	A análise permitiu o conhecimento sobre a quantidade expressiva de iniciativas de empreendedorismo social pelo mundo, com a finalidade de solucionar problemas sociais	Permitiu conhecer a importância do trabalho junto ao permacultor e a comunidade, que adquiriu um conhecimento aplicável para melhorar sua condição de vida	No caso específico da Bahia, com alto índice de desigualdade social, foi verificada uma crescente procura por aprender a empreender	Foi constatado o comprometimento de organizações e seus agentes no sentido de proporcionar condições para o desenvolvimento de empreendedores sociais e proporcionar redução da desigualdade	Nos três estudos realizados foram encontrados alguns R's do decrescimento, mas não em todas as iniciativas analisadas

7. Considerações Finais

O objetivo deste estudo foi avaliar se iniciativas de inovação social podem contribuir para a promoção de práticas do decrescimento. Para atingir esse objetivo foram realizados três estudos de caso: o Estudo 1 compreendia a análise do banco de dados de 2 Projetos internacionais, o TRANSIT e o WEstart, que avaliaram iniciativas de inovação social em vários países. O Estudo 2 realizou entrevistas com praticante e promotor de permacultura no Estado da Bahia e o Estudo 3, entrevistou promotores do empreendedorismo social na cidade de Salvador - Bahia.

Os resultados apresentaram as iniciativas de inovação social dos respectivos projetos, bem como as ações contidas nas inovações. Foram identificadas iniciativas de inovação social sustentáveis e, entre elas, foi verificada a presença de alguns dos R's do círculo virtuoso do decrescimento. Os dados demonstraram um baixo índice de R's, mas essas ações de decrescimento estavam presentes, mesmo com o desconhecimento do termo pelos entrevistados. Para a parcela de iniciativas de inovação social a que esse estudo se dedicou, a permacultura e o empreendedorismo social, mesmo que, timidamente, parte dessas iniciativas, praticam alguns dos Rs do decrescimento. Avaliando o que se apresenta no Brasil, principalmente em Salvador, um dos locais analisados no estudo, onde a desigualdade social é profunda e em larga escala, o indivíduo e a comunidade têm sua atenção voltada para a busca de melhores condições de vida, de obter o mínimo para viver com dignidade.

Os praticantes da permacultura, procuram disseminar o conhecimento de técnicas, que permitem o reuso, o reaproveitamento, o uso adequado do solo, da água e a redução do consumo para indivíduos ou comunidades. Já os projetos de empreendedorismo social são, em sua maioria, voltados para a comunidade, que busca emergir de uma situação de vida difícil onde conquistas, mesmo que pequenas, são bem-vindas. Almejam condições de vida mais digna e, também, o direito de consumir o essencial, pois estão sempre expostos aos bens de consumo, mas, muitas vezes, sem acesso a eles. Não vislumbro, que, vivendo em desigualdade social, apóiem os princípios do decrescimento. Cabe ressaltar que todas as pessoas, sem exceção, com quem o tema foi abordado ou foram entrevistados, com alto grau de instrução e com todo acesso à informação, nunca haviam ouvido o termo decrescimento. Quando apresentadas ao seu significado acharam polêmico e interessante, e apesar de

reconheceram em suas atividades cotidianas o emprego dos R's do círculo virtuoso do decrescimento, não manifestaram naquele momento algum interesse em se aprofundar no tema.

Assumindo-se que o decrescimento contém propostas viáveis, temos que considerar que não podem ser descartadas essas pequenas iniciativas. A ausência de conhecimento sobre o tema, em se tratando da sociedade em geral, faz com que o mesmo só seja discutido no meio acadêmico e em pequenos grupos. As iniciativas públicas que foram conhecidas em Salvador, com foco nas questões sociais e alicerçadas na sustentabilidade, mesmo inconscientemente, dão a sua parcela de contribuição para a promoção do decrescimento.

Não podemos prever, se, à longo prazo, serão apresentadas propostas políticas consistentes que tratem do tema. Com exceção da Lei nº12.305 de 2010, a Política Nacional de Resíduos Sólidos, que é, o único instrumento legal vigente, que incorporou a política proposta por Latouche para o decrescimento econômico, tornando-a, uma norma para toda a sociedade.

As propostas do decrescimento podem ser praticadas pelos indivíduos em sua vida cotidiana. Mas a conscientização de que temos que repensar a forma de consumir e de viver em sociedade, infelizmente, demandará um pouco mais de tempo. Apesar de parecer utópica, a teoria do decrescimento e suas ideias, vêm como uma alternativa e aliada da sustentabilidade na busca por soluções.

A contribuição do presente estudo, em termos teóricos, foi a de trazer um novo olhar sobre os temas, inovação social, empreendedorismo social, permacultura e decrescimento, ao buscar como os mesmos interagem. No aspecto metodológico, a opção por buscar a visão do promotor da inovação social ao invés do empreendedor mostrou um novo olhar e possibilitou saber como estes organizam-se para o desempenho de suas atividades e descobrir a sua importância nesse contexto de formação. Quanto ao aspecto prático, a contribuição de conhecer as experiências significativas relatadas pelos gestores entrevistados, que utilizam práticas organizacionais e não organizacionais, ambas de grande importância na construção de uma consciência social. A procura pelo conhecimento formal para um melhor desempenho de suas atividades, no sentido de buscar os melhores métodos para capacitar um empreendedor ou dar subsídios a uma comunidade para que possa desenvolver-se. Esses elementos representam uma potencial contribuição para a gestão

de competências gerenciais no que concerne às questões da interação entre as pessoas, promotores, empreendedores e comunidade, visando um desenvolvimento contínuo na busca de dirimir os problemas da sociedade.

Apesar dos significantes resultados obtidos, o estudo tem limitações que precisam ser consideradas na avaliação das análises. A realização das entrevistas em apenas um estado brasileiro, delimita a representatividade da amostra. Outro ponto a ser citado é o reduzido número de participantes das entrevistas. Esse fato ocorreu devido a indisponibilidade de pessoas e organizações contatadas, pela disponibilidade da pesquisadora e pelo período em que foram realizadas as entrevistas.

Como sugestão para pesquisas futuras, em decorrência do reduzido número de estudos que abordam simultaneamente os temas inovação social e decrescimento, sugere-se que os temas sejam pesquisados na busca por possibilidades de como o decrescimento pode ser aplicado à nossa realidade através da inovação social. Também se faz necessária a criação de narrativas básicas sobre o decrescimento, para que seja disseminado e não fique restrito à pequenos grupos.

Referências

- Anderson, P. (1998). Balanço do neoliberalismo. In: SADER, E., GENTILI, P., Pósneoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- André, I.; Abreu, A. (2006). Dimensões e espaços da inovação social. *Finisterra*, XLI, 81. P. 121-141.
- Andreoni, V., Galmarini, S. (2014). On the increase of social capital in degrowth economy *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 72, pp. 64-72.
- Avelino, F. Wittmayer, J., Haxeltine, A., Kemp, R., O’Riordan, T., Weaver, P., Loorbach, D. and Rotmans, J. (2014). Game-changers and Transformative Social Innovation. The Case of the Economic Crisis and the New Economy. Working paper presented at the 6th international sustainability transitions (IST) Conference. Disponível em <http://www.transitsocialinnovation.eu/resource-hub/transitions-towards-new-economies-a-transformative-social-innovation-perspective>. Acesso em setembro de 2017.
- Avelino, F., Dimitru, A., Longhurst, N., Wittmayer, J., Hielscher, S., Weaver, P., e Haxeltine, A. (2015). Transitions towards ‘new economies in a transformative social innovation perspective’. Working paper presented at the 6th international sustainability transitions (IST) Conference. Disponível em <http://www.transitsocialinnovation.eu/resource-hub/transitions-towards-new-economies-a-transformative-social-innovation-perspective>. Acesso em setembro de 2017.
- Bádue, A. F.P. L. A nebulosa do decrescimento: um estudo sobre as contradições das novas formas de fazer política. Dissertação de Mestrado. FFCLH. USP 2012.
- Bayon, D., Flipo, F., Schneider, F. (2010). La décroissance en questions. *La découverte*, Paris.
- Bardin, L. (2011). *Análise De Conteúdo* (6ª ed.). Lisboa: Edições 70.
- Bergh, C.J.M. van den (2011). Environment versus growth - A criticism of “degrowth” and a plea for “a-growth”. *Ecological Economics*, v. 70. pp. 881–890.
- Bessant, J.; Tidd, J. (2009). *Inovação e Empreendedorismo*. Porto Alegre: Bookman.
- Bignetti, L. P., (2011). As inovações sociais: Uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. *Revista das Ciências Sociais*, 47(1), pp. 3-14.
- Bock, B. B.; Fieldsend, A. (2012). Social innovation and sustainability; how to disentangle the buzzword and its application in the field of agriculture and rural development. *Studies in Agricultural Economics* (Budapest), 114(2), pp. 57-63.
- Bornstein, D. (2005). *Como mudar o mundo - empreendedorismo social e o poder de novas ideias*. Rio de Janeiro: Record.

- Bresser-Pereira, L. C. (2006). O conceito histórico de desenvolvimento econômico. Curso de desenvolvimento econômico na Fundação Getúlio Vargas - FGV, pp. 1-24.
- Caulier-Grice, J., Davies, A., Patrick, R., Norman, W. (2012). *Defining Social Innovation. Part One of Social Innovation Overview: A deliverable of the project: "The theoretical, empirical and policy foundations for building social innovation in Europe"* (TEPSIE), European Commission – 7th Framework Programme, Brussels: European Commission, DG Research. Disponível em: http://ec.europa.eu/environment/integration/research/newsalert/pdf/IR10_en.pdf. Acesso em julho de 2017.
- Cechin, A. D. Veiga, J. E. da (2010). A economia ecológica e evolucionária de Georgescu-Roegen. *Brazilian Journal. Of Political Economy*. Vol.30 no.3 São Paulo.
- Centre de recherche sur les innovations sociales. Rapport annuel des activités scientifiques du crises – UQAM. Disponível em: [http://www.crisis.uqam.ca/.../rapports-annuels/Rapport annuel du CRISES 2014-2015 140116](http://www.crisis.uqam.ca/.../rapports-annuels/Rapport%20annuel%20du%20CRISES%202014-2015%20140116). Acesso em março de 2018
- Cloutier, J. (2003). Qu'est-ce que l'innovation sociale? *Les Cahiers du CRISES*. Collection Études Théoriques, ET0314. Disponível em: <http://base.socioeco.org/docs/et0314.pdf>.
- CSI. (2004). Centre for social innovation. Disponível em: <https://socialinnovation.org/culture/> Acesso em julho de 2017.
- Dagnino, R; Gomes, E. (2000). Sistemas de Inovação social para prefeituras. In: Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia para Inovação. Anais... São Paulo.
- Dawson, P.; Daniel, L. (2010). Understanding social innovation: a provisional framework. **International Journal of Technology Management**, v. 51, n. 1, pp.9-21.
- Dees, G. J. (1998). The Meaning of 'Social Entrepreneurship', Center for the Advancement of Social Entrepreneurship. Duke University's Fuqua School of Business.
- Dombi, J. e Elekes, Z. (2014). *Evaluation of Local Food Systems Based on Degrowth*. Presented the 5th Central European Conference in Regional Science, Hungary.
- Dovers, S. R.; Handmer, J. W. (1992). Uncertainty, sustainability and change. *Global Environmental Change*, v.2, n.4, pp. 262-276.
- Flick, U. (2009) Introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed.
- Gaskell, G. (2003) Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático. Petrópolis. Ed. Vozes. pp. 64-89.

- Georgescu-Roegen, Nicholas (1971). *The Entropy Law and the Economic Process*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (5th ed.). São Paulo: Atlas.
- Glavic, P.; Lukman, R. (2007). Review of sustainability terms and their definitions. *Journal of Cleaner Production*, v.15, pp.1875-1885.
- Godard, O. (1994). Le développement durable: paysage intellectuel. *Natures, Science, Sociétés*. v. 2, n. 4.
- Godói-de-Sousa, E. (2010). O processo sucessório em associações produtivas no Brasil: estrutura, desafios e oportunidades. São Paulo. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.
- Godoy, A. S. (1995). Pesquisa Qualitativa - Tipos Fundamentais. *Revista de Administração de Empresas RAE*, 35(3), 20–29. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>
- Gomes, C. M.; Kruglianskas, I.; Hourneaux Júnior, F.; Scherer, F. L. (2009). Gestão da inovação tecnológica para o desenvolvimento sustentável em empresas internacionalizadas. *Gestão e Regionalidade*, v. 25, n. 73, art. 3, pp. 35-47.
- Gould, K. A., Pellow, D. N., Schnaiberg, A. (2004). Interrogating the treadmill of production: everything you wanted to know about the treadmill but were afraid to ask. *Organization & Environment*, 17, pp. 296-316.
- Grin, J. Rotmans, J. and Schot, J. (2010). Transitions to Sustainable Development: New Directions in the Study of Long Term Transformative Change. *Routledge*, New York.
- Guthman J. (2004). The trouble with organic lite in California: a rejoinder to the ‘conventionalisation’ debate. *Sociologia Ruralis*, 185.
- Harvey, D. (2012) *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 22 ed. São Paulo. Ed. Loyola.
- Haxeltine, A., Avelino, F., Wittmayer, J., Kemp, R., Weaver, P., Backhaus, J. e O’riordan, T. (2013). *Transformative social innovation: A sustainability transitions perspective on social innovation*. Proceedings of the Nesta Conference Social Frontiers: The Next Edge of Social Science Research, London, UK.
- Hisrich, R. D., & Peter, M. P. (2004). *Empreendedorismo*. Porto Alegre: Bookman.
- Holmgren, D. (2013). Os fundamentos da permacultura. Disponível em [https://holmgren.com.au/downloads/Essence of Pc PT.pdf](https://holmgren.com.au/downloads/Essence%20of%20Permaculture.pdf). Acesso em 2018 e 2019.

- Howaldt, J. and Kopp, R. (2013). *Shapping Social Innovation by social research. Challenge social innovation: potentials for business, social entrepreneurship, welfare and civil society*. pp.43-55.
- Howaldt, J.; Schwarz, M. (2010). **Social innovation**: concepts, research fields and international trends. Trend Study of the International Monitoring Project (IMO). disponível em: http://www.internationalmonitoring.com/research/trend_studies/social_innovation.html. Acesso em: maio de 2019.
- Howells, J. (2010). Services and innovation and service innovation: New theoretical directions. In F. Gallouj & F. Djelall (Eds.), *Handbook of innovation and services: A multi- -disciplinary perspective* (pp. 68-83). Cheltenham: Edward Elgar Publishing.
- International Council for Research and Innovation in Building and Construction. United Nations Environment Programme. Agenda 21 for sustainable construction in developing countries (CIB/UNEP-IETC, 2002), apud SILVA., V. G. D. *Avaliação da Sustentabilidade de Edifícios de Escritórios Brasileiros: Diretrizes e base metodológica*. 2003. Tese (Doutorado). Departamento de Engenharia Civil, Universidade de São Paulo, São Paulo, cap. 1.
- Jesus, V. M. B. de; Costa, A. B. (2013). Tecnologia social: breve referencial teórico e experiências ilustrativas. In: Costa, A. B. (Org.). *Tecnologia social e políticas públicas*. São Paulo: Instituto Pólis.
- Johanisova, N. Crabtree, T., Franková, E. (2013). Social enterprises and non-market capitals: a path to degrowth? *Journal of Cleaner Poduction*, v.38, p. 7-16.
- Kallis, G. (2011). In defence of degrowth. *Ecological Economics* Vol. 70: 873–880.
- Kallis, G., Kerschner, C. e Martinez-Alier, J. (2012) The economics of degrowth. *Ecological Economics*, 84, pp. 172-180.
- Kallis, G., Damaria, F. e D’Alisa, G. (2015) *Research & Degrowth*. Institute of Environmental Science and Technology (ICTA). Autonomous University of Barcelona, Barcelona, Spain.
- Kates, R., Parris, T. M. e Leiserowitz, A. (2005). What is sustainable development? *Environment* 47(3): pp. 9-21.
- Kim, Y. (2015). Environmental, sustainable behaviors and innovation of firms during the financial crisis. *Business Strategy and the Environment*, v. 24, pp. 58-72.
- Kinder, T. (2010). Social innovation in services: technologically assisted new care models for people with dementia and their usability. **International Journal of Technology Management**, v. 51, n. 1, pp. 106-120.

- Lassance J. R., A. E.; Pedreira, J. S. (2004)Tecnologias sociais e políticas públicas. In: FBB – Fundação Banco do Brasil. (Org.). Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento. Rio de Janeiro: FBB.
- Latouche, S. (2009). Pequeno Tratado do Decrescimento Sereno. Editora WMF Martins Fontes.
- Latouche, S. (2010). Degrowth. *Journal of Cleaner Production*, 6(18), pp. 519-522.
- Latouche, S. (2011). *Desenvolvimento Humano, Decrescimento e a Sociedade Convivial, Ciclo de Palestras: Economia de Baixo Carbono. Limites e Possibilidades.* Unisinos, Porto Alegre. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2011/11/24/decrescimento-um-crescimento-infinito-e-incompativel-com-um-mundo-finito-por-serge-latouche/>. Acesso em outubro de 2017.
- Liegey, V., Madelaine, S., Ondet, C. e Veillot, A. I. (2013). *Prosperidade sem crescimento econômico. Em direção a nenhum crescimento. Proclamação por renda não condicional* (FNA). Paris: Lés Éditions Utopia.
- Litvin, A. K. O decrescimento aplicado no comportamento de consumo de famílias de baixa renda.
- Lubelcová, G. (2012). Social innovations in the context of modernization. **Sociologia**, v. 44, n. 3, pp. 291-313.
- Lüdke, M. André, M. E. D. A. (1986) Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo, EPU.
- Maçaneiro, M. B.; Cunha, S. K. da (2010). Eco-inovação: um quadro de referência para pesquisas futuras. In: Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica, 26, 2010, Vitória. Anais..., Rio de Janeiro.
- Madeira, W. V. (2014). Plano Amazônia sustentável e desenvolvimento desigual. *Ambiente & Sociedade*. v. 17. n. 3. São Paulo, pp. 19-32.
- Martinez-Alier, J., Pascual, U., Vivien, F. D. e Zaccai, E. (2010). Sustainable de-growth: Mapping the context, criticisms and future prospects of an emergent paradigm. *Ecological Economics*, 69(9), pp. 1741-1747.
- Meadows, D. H., Meadows, D. L., Randers, J., Behrens, W.W. (1972). *The Limits to Growth*. New York: Universe Books.
- Melo Neto, F. P. de; Fróes, C. (2001) Gestão da responsabilidade social corporativa: o caso brasileiro. Rio de Janeiro: Qualitymark.
- Menezes, U. G.; Kneipp, J. M.; Barbieri, L. A.; Gomes, C. M. (2011). Gestão da inovação para o desenvolvimento sustentável: comportamento e reflexos sobre a indústria química. *Revista de Administração e Inovação*, v. 8, n. 4, pp. 88-116.

- Mollison, B.(1999). *Permaculture: Designers Manual*. 8ª. Ed. Tyagum, Australia: Tagari Publication.
- Montibeller-Filho, G. (2008). *O mito do desenvolvimento sustentável: meio ambiente e custos sociais no moderno sistema produtor de mercadorias*. (3a. ed). Florianópolis-SC: Editora da UFSC, p. 316.
- Moreira, D. A.; Queiroz, A. C. S. (2007). *Inovação Organizacional e tecnológica*. São Paulo: Editora Thomson Learning.
- Moulaert, F. et al. (2013). *The international handbook on social innovation: collective action, social learning and transdisciplinary research*. Cheltenham: Edward Elgar Publishing.
- Moulaert, F.; Sekia, F. (2003). Territorial innovation models: a critical survey. *Regional Studies*, v. 37, n. 3, pp. 289-302.
- Mulgan, G. (2006), *The Process of Social Innovation*, Innovations, Spring, *MIT Press*, pp145-162. Disponível em: <https://www.mitpress.mit.edu/innovations>. Acesso em março de 2018.
- Mulgan, G. et al. (2007). A manifesto for social innovation: What it is, why it matters and how it can be accelerated. Working Paper presented at *The Young Foundation*. Oxford: *Saïd Business School*. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/277873357_Social_Innovation_What_It_Is_Why_It_Matters_and_How_It_Can_Be_Accelerated. Acesso em março de 2018.
- Murray, R., Caulier-Grice, J., & Mulgan, G. (2010). *The open book of social innovation*. London: National Endowment for Science, Technology and the Art/Young Foundation. Disponível em: <http://goo.gl/FwhPdt>. Acesso em março de 2018.
- Nascimento. E. Gomes, G. Decroissance: Qual a consistência? VIII Encontro Nacional da Economia Ecológica, Cuiabá, 2009.
- Neumeier, S. (2012). Why do social innovations in rural development matter and should they be considered more seriously in rural development research? Proposal for a stronger focus on Social Innovations in rural development research. *Sociologia Ruralis*, v. 52, pp. 48-69.
- Noruzi, M. R.; Westover, J.H.; Rahimi, G.R. (2010). An exploration of social entrepreneurship in the entrepreneurship era. *Asian Social Science*. Canadian Center of Science and Education, v. 6, n. 6. Disponível em: www.ccsenet.org. Acesso em: março de 2019.
- OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. (2005). *Manual de Oslo: Diretrizes para a coleta e interpretação de dados sobre inovação*. (3a.ed). Paris.

- Oliveira, E. M. (2004). Empreendedorismo social no Brasil: atual configuração, perspectivas e desafios: notas introdutórias. *Revista da FAE*, v. 7, p. 9-18.
- ONU – Organização das Nações Unidas. Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estabelecidos na ONU. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/conheca-os-novos-17-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-da-onu/>. Acesso em abril de 2018.
- Pol, P.; Ville, S. (2009). Social innovation: buzz word or enduring term. *The Journal of Socio Economics*, v. 38, pp. 878-885.
- Portilho, F. (2005). *Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania*. São Paulo: Editora Cortez.
- Quintão, C. (2004). Empreendedorismo social e oportunidades de construção do próprio emprego. Anais do seminário trabalho social e mercado de emprego. Porto, Portugal.
- Salas-Zapata, W., Rios-Osório, L.; Castillo, J.A.D. (2011). La ciencia emergente de la sustentabilidad: de la práctica científica hacia la constitución de una ciencia. *Interciencia*, v.2, n.9.
- Santos, S. O. S.; Liboni, L. B.; Pádua, S. I. D.; Rebehy, P. C. P. W. (2013). Evidências teóricas sobre a contribuição da gestão por processos para a inovação ambiental. *Revista de Gestão Social e Ambiental*, v. 7, n. 2, pp. 37-52.
- Santos, A. C. M. Z. (2012). O desenvolvimento da inovação social - inibidores e facilitadores do processo: o caso de um projeto piloto da ONG Parceiros Voluntários. Tese de Doutorado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS.
- Schneider, F., Kallis, G. e Martinez-Allier, J. (2010). Crisis or opportunity? Economic degrowth for social equity and ecological sustainability. Introduction to this special issue. *Journal of Cleaner Production*, 18 (6), pp. 511–518.
- Schumacher, E. F. (1973). *Small is beautiful: A study of economics as if people mattered*. London: Abacus.
- Schumpeter, J.A. (1985). *O fenômeno fundamental do desenvolvimento econômico*. In *A teoria do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Nova Cultura.
- Silva, E. L., & Menezes, E. M. (2005). *Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação*. Portal (4th ed.). Florianópolis: USFC. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100005>.
- Silverman, D. (2005, September). Instances or sequences? Improving the state of the art of qualitative research. In *Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research* (Vol. 6, No. 3).

- Stiglitz, J. E., Sen, A. K., Fitoussi, J. (2009). Report by the Commission on the Measurement of Economic Performance and Social Progress. Disponível em <http://www.stiglitz-sen-fitoussi.fr/en/index.htm>. Acesso em agosto de 2017.
- Stolle, D., Hooghe, M. & Micheletti, M. (2005). Politics in the supermarket: political consumerism as a form of political participation. *International Political Science Review*, 26(3), pp. 245-269.
- Tardif, C., Harrisson, D. (2005). Complémentarité, convergence et transversalité: la conceptualisation de l'innovation sociale au CRISES. Centre de Recherche Sur Les Innovations Sociales. *Cahiers du CRISES*. Québec.
- Taylor, J. B. (1970). Introducing Social Innovation. *The Journal of Applied Behavioral Science*. V. 6, n. 1.
- Tidd, J.; Bessant, J.; Pavitt, K. (2008). *Gestão da inovação*. (3a.ed). São Paulo: Artmed.
- Tokic, D. (2012) The economic and financial dimensions of degrowth. *Ecological Economics* 84, pp. 49-56.
- Transit. Transformative, Social Innovation Theory Project (2017). Disponível em: <http://www.transitsocialinnovation.eu>. Acesso em 2018 e 2019.
- Trott, P. (2012). *Gestão da inovação e desenvolvimento de novos produtos*. 4. ed. Porto Alegre: Bookman.
- Weiss, M. Cattaneo, C. (2017) Degrowth - Taking stock and reviewing an emerging academic program. *Ecological Economics*, 137(1), pp. 220-230.
- Westart. Mapping women's social entrepreneurship in Europe (2015). Disponível em: <http://www.westarteurope.org>. Acesso em 2018 e 2019.
- Westley, F.; Antadze, N. (2010). Making a difference: strategies for scaling social innovation for greater impact. **The Innovation Journal: The Public Sector Innovation Journal**, v. 15, n. 2, p. 2-18, 2010
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de Caso: Planejamento e métodos*. *Journal of Experimental Psychology: General* (2nd ed., Vol. 136). Porto Alegre: Bookman.
- Yunus, M (2010). *Building social business: The new kind of capitalism that serves humanity's most pressing needs*. Philadelphia: Public Affairs.
- Zanelli, J. C. (2002) O psicólogo nas organizações de trabalho. Porto Alegre: Artmed.
- Zarpellon, S. C. (2010). O empreendedorismo e a teoria econômica institucional. *Revista Iberoamericana de Ciências Empresariais y Economía*, 1(1), pp. 47-55.
- Zucoloto, G. F.; Respondevesk, W. (2018). IPEA – Radar – Tecnologia, Produção e Comércio Exterior. Diretoria de Estudos Políticas Setoriais de Inovação e Infraestrutura.n.57, ago.

Apêndice A

Carta de apresentação

Brasília, dezembro/2018 a junho de 2019.

Caro Participante

Essa pesquisa é parte integrante da tese da doutoranda Cecília Cesar, sob a orientação da Profa. Dra. Solange Alfinito vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) da Universidade de Brasília (UnB).

O objetivo da pesquisa é o de investigar possíveis relações entre inovações sociais, empreendedorismo social e decrescimento e contribuir para a discussão sobre o tema.

Para esta pesquisa foram selecionadas iniciativas de inovação social no Brasil. Será garantido o anonimato e a confidencialidade dos dados pessoais dos participantes. Solicitamos autorização para gravação das entrevistas, para fins de registro das informações, que serão confirmadas através da assinatura no documento anexo.

Não há respostas certas, pois o que importa é a sua opinião e a sua experiência.

Desde já agradecemos pela sua participação e informamos que ao final da análise da pesquisa e defesa da tese, serão disponibilizados os resultados obtidos.

Atenciosamente,

Cecília Cesar
Doutoranda do PPGA – UnB

Profa. Dra. Solange Alfinito
Orientadora

Termo de Consentimento e Confidencialidade

Eu li as informações apresentadas na carta de apresentação sobre o estudo que está sendo realizado pela doutoranda Cecília Cesar, sob a orientação da Profa. Dra. Solange Alfinito, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) da Universidade de Brasília (UnB).

Autorizo a gravação do áudio de minha entrevista para garantir um registro mais preciso das minhas respostas e estou ciente de que trechos das entrevistas podem ser incluídos na tese ou publicações decorrentes desta pesquisa, com o entendimento de que serão anônimos.

Com pleno conhecimento do acima exposto, concordo, de minha livre e espontânea vontade em participar deste estudo/pesquisa.

Nome do Participante: _____

Assinatura Participante: _____

Data: _____

Apêndice B

Questionário de dados pessoais

Idade: _____ anos

Gênero: () Masculino () Feminino

Estado Civil: () Solteiro () Casado/União Estável () Divorciado/Separado () Viúvo

Escolaridade:

() Alfabetizado (a)

() Ensino Médio

() Superior Incompleto

() Superior Completo - Área: _____

() Especialização - Área: _____

() Mestrado - Área: _____

() Doutorado - Área: _____

Apêndice C

Roteiros das entrevistas semi-estruturadas

1 - Apresentação da pesquisa, orientação e vinculação com o programa de Pós-Graduação.

“Essa pesquisa é parte integrante da tese da doutoranda Cecilia Cesar, sob a orientação da Profa. Dra. Solange Alfinito, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) da Universidade de Brasília (UnB)”.

2 - Apresentação dos objetivos da pesquisa e da entrevista.

“O objetivo da pesquisa é o de investigar possíveis relações entre inovação social e decrescimento e contribuir para a discussão sobre o tema.

3 - Explica-se que será garantido o anonimato e confidencialidade dos dados dos participantes.

“Para esta pesquisa foram selecionados projetos de empreendedorismo social no Brasil. Será garantido o anonimato e a confidencialidade dos dados pessoais dos participantes”.

“ Solicitamos autorização para gravação da entrevista para fins de registro das informações, que será confirmada mediante assinatura no documento anexo”.

4 - Apresenta-se a dinâmica da entrevista, explicando a condução das perguntas.

“Essa entrevista será realizada com algumas questões acerca do tema e será finalizada com um pequeno questionário de dados pessoais e profissionais. O entrevistado é livre para responder sem limite de tempo, bem como acrescentar qualquer informação que ache pertinente”.

5 - Iniciar as perguntas

Área da permacultura

Qual a sua trajetória na permacultura?

Quando você conheceu a permacultura, como foi a primeira experiência?

Quando você teve a ideia de iniciar o seu projeto?

O que vocês desenvolvem nesse projeto?

Vocês formam outros permacultores?

Para você a atividade que desenvolve é prioritária? A base do seu sustento? Você vive da permacultura?

Quais seriam para você os principais desafios para poder viver de permacultura no Brasil?

Você recebe algum tipo de ajuda ou financiamento para as atividades?

Qual é o seu público? Como você capta seu público?

O seu público já tinha ouvido falar em permacultura?

E você tem CNPJ, é considerada uma ONG?

Você vê a permacultura como uma possível política pública?

Você vê possíveis caminhos para a popularização da permacultura no Brasil?

Você sabe o que é inovação social?

Você acha que o trabalho que desenvolve é uma inovação social?

Por gentileza, verifique essas palavras: elas fazem ou não parte do seu cotidiano na prática da permacultura?

Já ouviu falar em decrescimento?

Se sim, você relaciona o decrescimento ao que você desenvolve no seu projeto?

Área do Empreendedorismo Social

Qual a sua trajetória no empreendedorismo social?

Vocês formam outros empreendedores?

Para você a atividade que desenvolve é prioritária? A base do seu sustento? Você vive dessa atividade?

Vocês recebem algum tipo de ajuda ou financiamento para as atividades?

O seu público já tinha ouvido falar em empreendedorismo?

Por gentileza, verifique essas palavras: elas fazem ou não parte do seu cotidiano na prática, no empreendedorismo? reavaliar, reconceituar, reestruturar, redistribuir, realocar, reduzir, reutilizar e reciclar.

Já ouviu falar em decrescimento?

Se sim, você relaciona o decrescimento ao que você realiza em seus projetos?

Poderia me indicar quais os projetos desenvolvidos?